

Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA — DEUS, CRISTO E CARIDADE
ANO 123 — Nº 2.119 — OUTUBRO 2005

Reforma Moral

*“O verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei
de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza.”*

NESTA EDIÇÃO:

Fidelidade à Doutrina

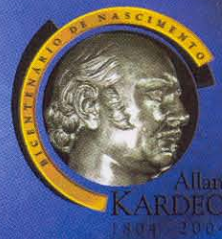
Doação de órgãos para transplante

Ainda o Bicentenário de Allan Kardec

ISSN 1413 - 1749



R\$ 5,00



Reformador

Revista de Espiritismo Cristão
Ano 123 / Outubro, 2005 / Nº 2.119



Fundada em
21 de janeiro de 1883
Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da
Federação Espírita Brasileira

Direção e Redação
Av. L-2 Norte — Q. 603 — Conj. F (SGAN)
70830-030 — Brasília (DF)
Tel.: (61)3321-1767; Fax: (61) 3322-0523

Home page: <http://www.febnet.org.br>
E-mail: feb@febrasil.org.br
webmaster@febnet.org.br

| | |
|------------------|------------|
| Para o Brasil | |
| Assinatura anual | R\$ 39,00 |
| Número avulso | R\$ 5,00 |
| Para o Exterior | |
| Assinatura anual | US\$ 35,00 |

Diretor — Nestor João Masotti; Diretor-Substituto e Editor — Altivo Ferreira; Redatores — Affonso Borges Gallego Soares, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Evandro Noleto Bezerra e Lauro de Oliveira São Thiago; Secretária — Sônia Regina Ferreira Zaghetto; Gerente — Amaury Alves da Silva; REFORMADOR: Registro de Publicação nº 121.P.209/73 (DCDP do Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça), CNPJ 33.644.857/0002-84 — I. E. 81.600.503.

Departamento Editorial e Gráfico
Rua Souza Valente, 17

20941-040 — Rio de Janeiro (RJ) — Brasil
Tel.: (21) 2187-8282; Fax: (21) 2187-8298

E-mail: redacao.reformador@febrasil.org.br

Assinatura de Reformador:

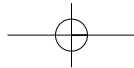
Tel.: (21) 2187-8264 / 8274

E-mail: assinaturas.reformador@febrasil.org.br

Capa: Luis Hu Rivas

Tema da Capa: **REFORMA MORAL**. Está na base de todas as demais reformas do ser humano e construirá uma paz duradoura para a Humanidade.

| | |
|---|----|
| EDITORIAL | 4 |
| Reforma Moral | |
| ENTREVISTA: NESTOR JOÃO MASOTTI | 11 |
| A Doutrina Espírita a serviço da Humanidade | |
| PRESENÇA DE CHICO XAVIER | 14 |
| O Espiritismo no Brasil — <i>Humberto de Campos</i> | |
| ESFLORANDO O EVANGELHO | 21 |
| O cego de Jericó — <i>Emmanuel</i> | |
| PÁGINAS DA REVUE SPIRITE | 25 |
| Biografia de Allan Kardec — <i>Armand Greslez</i> | |
| A FEB E O ESPERANTO | 26 |
| Mensagem aos Esperantistas — <i>Danilo Carvalho Villela</i> | |
| Espiritismo na Lituânia, via Esperanto — | 27 |
| <i>Ismael de Miranda e Silva</i> | |
| REFORMADOR DE ONTEM | 30 |
| O aborto e a psicologia fetal — <i>Núbor Orlando Facure</i> | |
| SEARA ESPÍRITA | 42 |
| Fidelidade à Doutrina — <i>Juvanir Borges de Souza</i> | 5 |
| Mortos Amados — <i>Emmanuel</i> | 8 |
| Vidas frágeis — <i>Joanna de Ângelis</i> | 9 |
| A excelência do bem — <i>Mário Frigéri</i> | 10 |
| Memorandos — <i>André Luiz</i> | 12 |
| Engrossar o fio — <i>Richard Simonetti</i> | 13 |
| Desencarnação — <i>Olegário Mariano</i> | 15 |
| Doação de órgãos para transplante — <i>Jorge Hessen</i> | 16 |
| Allan Kardec e o trabalho em equipe — <i>Cezar Braga Said</i> | 19 |
| Ainda o Bicentenário de Allan Kardec — | 22 |
| <i>Ney da Silva Pinheiro</i> | |
| Falar com amor — <i>Aylton Paiva</i> | 28 |
| Renascer e remorrer — <i>Lins de Vasconcellos</i> | 31 |
| O amor cobre a multidão de pecados — | 32 |
| <i>Antônio Carmo Rubatino</i> | |
| Agora — <i>Emmanuel</i> | 33 |
| Caminhos da indução mental — <i>Orson Peter Carrara e</i> | 34 |
| <i>Américo Sucena</i> | |
| Os passeios da luz — <i>Paulo Nunes Batista</i> | 35 |
| Espiritismo: Ciência, Filosofia e Religião — | 36 |
| <i>Marcus Vinícius Pinto</i> | |
| Nova Clarinada — <i>Djalma Montenegro de Farias</i> | 37 |
| A cura do cego de nascença — <i>Severino Barbosa</i> | 38 |
| Dentro da própria casa — <i>Hilário Silva</i> | 39 |
| Espiritismo — 148 anos — <i>André Luís Anciães dos Santos</i> | 40 |
| O Espiritismo e a Moral do Cristo — <i>Allan Kardec</i> | 41 |



Editorial

Reforma Moral

Na questão 895 de *O Livro dos Espíritos*, no capítulo que trata da Perfeição Moral, Allan Kardec indaga: “Postos de lado os defeitos e os vícios acerca dos quais ninguém se pode equivocar, qual o sinal mais característico da imperfeição?” Ao que os Espíritos Superiores respondem: “O interesse pessoal. (...) O apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade, porque, quanto mais se aferrar aos bens deste mundo, tanto menos compreende o homem o seu destino. Pelo desinteresse, ao contrário, demonstra que encara de um ponto mais elevado o futuro.”

Dependendo do ponto de vista que tem a respeito da própria vida, o homem pode tomar atitudes diversas: se tem dúvidas com relação à sua condição de Espírito imortal, que continuará a existir e a progredir depois da morte do corpo físico, ele se apega aos valores materiais, que são temporários; se, ao contrário, está convicto da sua imortalidade, ele administrará os bens materiais como quem está com a responsabilidade de cuidar de algo por tempo determinado, findo o qual deixará na matéria o que é da matéria, prestando contas da sua administração, e conquistando valores espirituais, estes sim permanentes, que decorrem do respeito e do amor ao próximo que pratica.

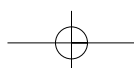
O excessivo apego às coisas materiais leva o homem ao cultivo do orgulho e do egoísmo e, por conseqüência, a toda desagregação social que ambos provocam. E quando isto ocorre, esse homem busca, inquieto, soluções as mais diversas, apelando para reformas sociais, reformas econômicas ou reformas políticas, muito válidas, sem dúvida, mas que por si não são suficientes para eliminar suas angústias.

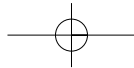
Uma única reforma, se faz necessária, que está na base de todas as demais: é a reforma moral do ser humano, a qual consiste em substituir o orgulho pela humildade e o egoísmo pela fraternidade. Esta reforma será sempre mais consistente quanto mais convicto estiver o ser humano de sua imortalidade.

Com esta transformação moral constrói-se uma paz duradoura para toda a Humanidade, evita-se a guerra entre seres e nações, elimina-se a miséria e a ignorância no mundo e distribuem-se com equanimidade os valores econômicos entre todos os seus habitantes. Isto porque não se pode pretender uma sociedade justa constituída por seres injustos, nem, tampouco, uma sociedade fraterna e solidária constituída por seres violentos.

Analisando as conseqüências decorrentes da convicção que a Doutrina Espírita nos traz – de que somos Espíritos imortais em constante processo de evolução; já existíamos antes de nascer e vamos continuar a existir depois da morte do corpo físico; temos um claro objetivo a alcançar que é o nosso aprimoramento intelectual e moral, como Espírito encarnado ou desencarnado –, Allan Kardec não teve dúvidas em afirmar: “O verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza.” (*O Livro dos Espíritos*, q. 918; *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3.)

E Jesus, depois de nos alertar para não andarmos muito cuidadosos com as coisas da matéria, já nos ensinava no seu Evangelho: “Buscai primeiramente o Reino de Deus e a sua Justiça e todas essas coisas vos serão dadas de acréscimo.” (Mateus, 6:33.)





Fidelidade à Doutrina

Juvanir Borges de Souza

O que caracteriza o homem, habitante da Terra há milhões de anos, é a inteligência de que é dotado. Essa inteligência complementa-se com a vontade e com a liberdade para pensar e agir.

Mas o ser humano, com sua inteligência e atributos tem uma causa, uma geratriz, um Criador, que está fora de si mesmo.

Essa causa primeira, a Inteligência Suprema, nos ensinamentos da Espiritualidade Superior, é o Criador não somente do homem, mas de tudo que existe em todo o Universo.

Esses ensinamentos sintéticos, que se encontram na obra básica do Espiritismo, foram complementados por outros para que o homem pudesse formar idéia de si mesmo, de sua origem e de seu destino, do mundo em que vive e do Universo infinito.

As noções que a Doutrina dos Espíritos oferece do Criador e da criação – Deus, espírito e matéria – facilitam a compreensão de tudo o que existe, máxime quando esses conhecimentos básicos são complementados pela revelação das leis divinas estabelecidas para o funcionamento de tudo o que foi criado.

Pelas leis naturais, ou divinas, pode a Humanidade hoje perceber que a Inteligência Suprema não só

criou os dois elementos – espírito e matéria – mas regulou o funcionamento de toda a criação dentro de uma harmonia total, universal.

Matéria e espírito estão ligados de tal forma que, regidos por leis perfeitas e imutáveis, podemos, hoje, perceber o sentido da vida na Terra e em outros mundos, numa realidade que se contrapõe ao que as religiões e as escolas filosóficas do passado e do presente têm ensinado.

A Nova Revelação desvenda, assim, os grandes mistérios do passado, com os quais se depararam tanto o homem primitivo das cavernas quanto os sistemas filosóficos e religiosos de todas as épocas.

Deus é a causa primária, é o Criador Divino de tudo que existe, mas é também o Legislador que estabeleceu as leis eternas para o funcionamento de toda a sua criação, nos domínios da Natureza e da Vida.

A sabedoria dos Espíritos Reveladores procurou não definir Deus, o Criador, para evitar erros e limitações ao Ser perfeito e infinito. A linguagem e a inteligência humanas, limitadas, não têm condições de definir o que é infinito e ilimitado.

São muito importantes para a Humanidade as Revelações da Espiritualidade Superior formuladas na Codificação Espírita, sob todos os seus aspectos.

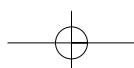
Mas, no que concerne às noções sobre Deus, o Criador e o Universo, as Revelações assumem

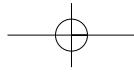
excepcional importância, pela diversidade de concepções reinantes nas religiões, nas filosofias e nas ciências, mostrando que Deus não pode ser confundido com sua criação, como no panteísmo oriental; nem é um Deus antropomorfo, como nas concepções religiosas do Ocidente; ou não existe, para o materialismo multifário e o ateísmo dominantes em determinadas ciências e filosofias.

As condições de vida na Terra foram elaboradas de forma tal que o homem, dispondo de livre-arbítrio, outorgado por seu Criador, chegou às mais variadas conclusões a respeito de si mesmo e de seu Deus, no decorrer dos milênios.

Entretanto, em determinado momento da vida planetária, quando a Humanidade já alcançara considerável progresso em conhecimentos científicos sobre a matéria e modificara muitos aspectos da organização social, essa evolução alcançada contrastava com suas concepções sobre seu Criador e sobre as leis divinas que regem tudo no Universo.

É nesse momento histórico da Humanidade, em pleno século XIX da Era Cristã, que a Misericórdia Divina, representada pelo Governador Espiritual do Orbe, o Cristo de Deus, vem em socorro dos habitantes deste Planeta, trazendo-lhes os esclarecimentos que se transformaram em luzes iluminando causas e efeitos não percebidos até então. >





A Revelação Espírita vem em socorro de todos os que já se encontram em condições de entender o Poder, a Bondade e a Misericórdia de Deus, suas múltiplas formas de manifestação por todo o Universo, inclusive em nosso mundo de experiências e provas.

Essa revelação, como todas as anteriores, está à disposição daqueles que estão em busca de conhecimentos reais, em demanda da coerência e da verdade.

Entretanto, as novas revelações não obrigam nem constroem os negadores ou os céticos a aceitá-las.

Elas representam a solidariedade, o amor e a bondade do Alto aos que já fazem jus à ajuda e à compreensão.

O Espiritismo não se apresenta à Humanidade como uma imposição do Superior ao Inferior. Busca, sim, abrir a mente humana ao conhecimento geral sobre a vida, sobre tudo o que existe, suas causas e manifestações.

Seus postulados básicos não só explicam e aclaram os grandes problemas defrontados pelo homem como auxiliam o pensamento a evoluir sempre, não se detendo em colocações dogmáticas que cerceiam futuros desdobramentos da realidade e da verdade.

É o que ocorreu, após a Codificação formulada pelo missionário Allan Kardec, através de vasta literatura, mediúnica ou não, que se ocupou em desdobrar conceitos, definições e verdades reveladas nas obras básicas, sem lhes alterar a essência, mostrando-nos a continuação da vida nos mundos e esferas espirituais, o funcionamento perfeito das leis divinas, nas mais diferentes situações, e a confirma-

ção da insuperável Mensagem do Cristo, sem as distorções interpretativas das diversas seitas denominadas cristãs.

Além da segurança que a Doutrina Consoladora e Esclarecedora proporciona ao pensamento lógico e racional de seus seguidores sinceros, a própria Doutrina assegura que qualquer ponto mal entendido ou equivocado que as ciências e o progresso geral comprovem como tal, ela aceita a verdade comprovada ou o fato novo, antes desconhecido, já que seu compromisso é com a realidade, e esta não lhe afeta a estrutura essencial.

Em decorrência desse princípio, o espírita não teme o progresso das ciências, nem se preocupa com o confronto dos princípios de sua Doutrina com os ensinamentos de outras filosofias e religiões.

A certeza da continuação da vida, após a morte do corpo físico, o contato com as realidades transcendentes, a percepção de um Deus

justo e misericordioso, o conhecimento e a comprovação das vidas sucessivas e a demonstração da presença permanente das leis divinas na Natureza, nos seus diversos reinos e em todos os bilhões de mundos do Universo, dão ao seguidor da Doutrina Espírita uma percepção diferente da vida na Terra, diante das vicissitudes e do futuro, induzindo-o a não se apegar às coisas transitórias do mundo e a valorizar tudo que diz respeito ao ser imortal que ele é – o Espírito.

Dilatando a importância da vida, a Doutrina auxilia seu adepto a aceitar os fatos afligentes e as circunstâncias dolorosas, com confiança e resignação. Sabendo que a morte só atinge o corpo, aceita com naturalidade o próprio decesso e o daqueles que o precederam, certo de que o reencontro é questão de tempo.

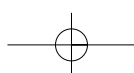
Essas e outras motivações, reais e não ilusórias, influem poderosamente no crescimento espiritual e na renovação moral do ser, dando-lhe uma outra dimensão da vida, em cuja realidade se encontra imerso, para sempre.

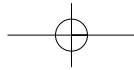
Por isso, considerando que a lei do progresso e da evolução, como norma divina, renova toda a criação, inclusive o mundo ainda atrasado em que vivemos, é lícito que se espere a regeneração deste orbe, com o predomínio dos ensinamentos do Cristo, em espírito e verdade, e do Consolador por Ele enviado, propiciando a substituição da mentalidade atual, oriunda de um passado de erros, por outra, calcada na realidade e na Verdade.

...

Desde a Antiguidade clássica,

Dilatando a importância da vida, a Doutrina auxilia seu adepto a aceitar os fatos afligentes e as circunstâncias dolorosas, com confiança e resignação





na qual os gregos predominaram com suas filosofias na civilização ocidental, o campo dos conhecimentos encontra-se dividido em duas partes: numa prevalece o pensamento materialista, presente em diversas correntes filosóficas; na outra, o pensamento espiritualista embasa as religiões.

Filosofias e religiões tradicionais não conseguiram solucionar satisfatoriamente todos os problemas humanos.

A Doutrina dos Espíritos, compreendendo aspectos filosóficos, científicos, morais, religiosos, educacionais e sociais veio, no momento certo, aclarar os problemas e dar-lhes soluções corretas, com a revelação de realidades desconhecidas e aproveitamento de verdades antigas, como a doutrina da reencarnação, ou das vidas sucessivas, conhecida há milênios no Oriente.

A Codificação Espírita foi edificada em sólidas bases, sob os auspícios da Espiritualidade Superior.

Tão firmes são seus fundamentos que, apesar do enorme avanço dos conhecimentos científicos na segunda metade do século XIX e no século XX, não houve necessidade de ajustar a Doutrina Espírita a quaisquer verdades ou descobertas novas.

Os espíritas estudiosos sabem que muitos dos ensinamentos doutrinários constituem-se em antevisões de realidades que só futuramente serão reconhecidas pelos diversos departamentos científicos a que se dedica o homem.

Isto não significa que o Espiritismo seja obra pronta e acabada. Os próprios Espíritos Instrutores e o Codificador caracterizaram-no como doutrina *evolucionista*, no sen-

tido de agregar sempre as novas verdades descobertas e comprovadas.

Se há um terreno em que a lei de evolução opera com toda nitidez, este é o das revelações sucessivas.

E o Espiritismo é precisamente a última fase das Manifestações Espirituais Superiores junto à Humanidade. Se há uma sucessividade de revelações do Alto, fácil será deduzir-se sua continuação no futuro.

As Revelações são suprimentos, proporcionados pela Espiritualidade Superior aos homens, a povos, raças e civilizações, para que possam perceber determinadas verdades transcendentais, as quais permaneceriam ocultas sem a intervenção

A iniciativa das Revelações parte do Alto, em função das necessidades humanas

superior, pela incapacidade de percepção humana em determinadas fases evolutivas.

A iniciativa das Revelações parte do Alto, em função das necessidades humanas. Entretanto, nem todos os homens estão aptos a recebê-las e aceitá-las de imediato.

Muitos se opõem a elas, por não compreendê-las devidamente, ou por contrariarem elas seus interesses imediatos.

Isto ocorreu com a Mensagem de Jesus, inovadora e retificadora de muitas coisas assentes, trazida pessoalmente pelo Mestre Incomparável.

Com a Nova Revelação ocorreria o mesmo. São muitas as oposições, umas frutos da ignorância espiritual, outras resultantes de interesses contrariados e de preconceitos.

Entretanto, o que não se justifica são os desvios do pensamento espírita, da sua moral fundamentada totalmente nos ensinamentos morais do Cristo.

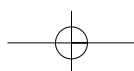
Tornam-se necessários um cuidado permanente, uma vigilância constante para que não se desvirtuem os princípios espíritas.

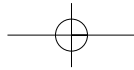
Esse é um compromisso sério de todo espírita sincero e digno da Doutrina que abraçou.

Arvorados em “espíritos fortes e independentes”, certas criaturas, dos dois planos da vida, imbuídas de personalismo excessivo, primam por estabelecer no Movimento Espírita a confusão, com a negação de valores consagrados, alardeando-se em árbitros do que está além e acima de seu entendimento. Falta-lhes autocrítica, apesar de converterem-se em críticos do Cristo, dos Evangelhos, dos Espíritos Instrutores, dos médiuns.

Questões de ordem secundária são por esses críticos transformadas em pontos capitais, como se fossem eles os reconstrutores da Doutrina.

Eis alguns exemplos das questões levantadas, sem a menor procedência, denotando desconhecimento e inconseqüência, resultantes do orgulho, da vaidade e do personalismo exagerado: “Kardec está superado”; “a Doutrina precisa ser atualizada”; “a moral espírita é independente da moral cristã”; debates e críticas sobre questões perfeitamente definidas no contexto doutrinário; preocupações com aspectos sociais e políticos, sem o necessário embasa-





mento na Doutrina; preocupação com a criação de termos novos, como se a adjetivação, só por si, modificasse a substância das coisas; confusão entre liberdade responsável, reconhecida pela Doutrina Espírita, com licença ampla para se dizer e fazer o que bem se entenda.

Essas referências, meramente exemplificativas, dão idéia do que ocorre de negativo no Movimento Espírita, conseqüência do posicionamento individualista, no qual falta sempre a humildade, virtude cristã e espírita que se contrapõe ao orgulho e à vaidade.

Na vivência e na divulgação da Doutrina Espírita, o que se requer, antes de tudo, é a fidelidade aos seus princípios.

Esquecem-se certos divulgadores de que sua liberdade encontra limites naturais na própria Doutrina, que não pode e não deve ser mutilada em seus princípios.

Vivenciar e divulgar a Doutrina dos Espíritos requer, antes de tudo, seu conhecimento e fidelidade a ela.

O divulgador espírita não pode ser, ao mesmo tempo, crítico ou inconformado com princípios corretos da Doutrina.

A Codificação e os Evangelhos são valores assentes, interpretados pela Espiritualidade Superior em auxílio aos homens. Nós, espíritos de hoje e do amanhã, somos seus aprendizes, em demanda do caminho certo referido pelo Cristo, e não reconstrutores desse caminho.

Para compreender a grandeza e a beleza das Revelações Espíritas Superiores torna-se necessário evitar o preconceito, o personalismo e a precipitação, vícios humanos comuns que prejudicam e impedem o conhecimento da verdade. ■

Mortos Amados

Na Terra, quando perdemos a companhia de seres amados, ante a visitação da morte sentimo-nos como se nos arrancassem o coração para que se faça alvejado fora do peito.

Ânsia de rever sorrisos que se extinguiram, fome de escutar palavras que emudeceram.

E bastas vezes tudo o que nos resta no mundo íntimo é um veio de lágrimas estanques, sem recursos de evasão pelas fontes dos olhos.

...

Compreendemos, sim, neste *Outro Lado da Vida*, o suplício dos que vagueiam entre as paredes do lar ou se imobilizam no espaço exíguo de um túmulo, indagando porquê...

...

Se varas semelhantes sombras de saudade e distância, se o vazio te atormenta o espírito, asserena-te e ora, como saibas e como possas, desejando a paz e a segurança dos entes inesquecíveis que te antecederam na Vida Maior.

Lembra a criatura querida que não mais te compartilha as experiências no Plano Físico, não por pessoa que desapareceu para sempre e sim à feição de criatura invisível mas não de todo ausente.

Os que rumaram para outros caminhos, além das fronteiras que marcam a desencarnação, também lutam e amam, sofrem e se renovam.

Enfeita-lhes a memória com as melhores lembranças que consigas enfileirar e busca tranquilizá-los com o apoio de tua conformidade e de teu amor.

Se te deixas vencer pela angústia, ao recorda-lhes a imagem, sempre que se vejam em sintonia mental contigo, ei-los que suportam angústia maior, de vez que passam a carregar as próprias aflições sobretaxadas com as tuas.

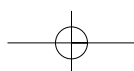
...

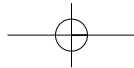
Compadece-te dos entes amados que te precederam na romagem da Grande Renovação.

Chora, quando não possas evitar o pranto que se te derrama da alma; no entanto, converte quanto possível as próprias lágrimas em bênçãos de trabalho e preces de esperança, porquanto eles todos te ouvem o coração na Vida Superior, sequiosos de se reunirem contigo para o reencontro no trabalho do próprio aperfeiçoamento, à procura do amor sem adeus.

Emmanuel

Fonte: XAVIER, Francisco C.; PIRES, José Herculano. *Na Era do Espírito*. Espíritos Diversos. 1. ed. São Bernardo do Campo (SP): GEEM, 1972, p. 80-81.





Vidas frágeis

O indivíduo fátuo e orgulhoso que exterioriza poder, fazendo-se temerário, quase detestável, é uma vida frágil, coberta de disfarces para ocultar os tormentos íntimos que o afligem e o desconcertam.

A pessoa prepotente que passa em triunfo, no carro da ilusão, invejada e antipatizada pelos seus corifeus, é uma vida frágil que teme o confronto com a própria consciência.

O déspota que tripudia sobre as massas, cercado de sicários às suas ordens, que ceifam existências consideradas perturbadoras com frieza incomum, é uma vida frágil incapaz de enfrentar os conflitos e aflições, que procura esconder sob a máscara da perversidade.

O histrião que diverte os outros, achincalhando tudo e todos, como se estivesse acima da lei e da verdade, é uma vida frágil que não suporta a autoconvivência nem se permite uma auto-análise, amedrontado em si mesmo.

O triunfador que sobe ao pódio sorrindo e parece um argonauta recém-descido do Olimpo, é uma vida frágil que a insegurança interna consome lentamente, em face da competição de outros que lhe sorriem e desejam derrubá-lo.

A pessoa bela e exaltada pelos seus dotes físicos, é uma vida frágil que o tempo irá vergastar, impon-

do-se desde hoje como ameaça tormentosa, gerando fantasmas que a afligem.

O indivíduo que te parece feliz, sem problemas nem preocupações financeiras ou afetivas, sociais ou políticas, apenas parece, sendo uma vida frágil que sofre solidão interior, não obstante cercado pela bajulação e recebendo os aplausos da mentira dos seus admiradores de ocasião.

O exibicionista que provoca sentimentos contraditórios nos outros, graças às façanhas que apregoa e à situação extravagante que desfruta, é uma vida frágil que se oculta na pompa e na insensatez, por incapacidade de viver com real alegria.

Quase todos eles, os ditos venturosos do mundo, não passam de vidas frágeis que temem a dor, a provação e os testemunhos, vivendo anestesiados pelos vapores da vacuidade.

Ainda não foram testados, não experimentaram revezes, não conheceram os acicates da realidade evolutiva e estão equivocados.

Evitam pensar, temendo o encontro com a verdade e receando as notícias da imortalidade, porque se encontram despreparados para essa realidade.

Também amam, a seu modo, e não são correspondidos.

Choram ocultamente e não permitem ser consolados, porque se sentiriam humilhados.

Experimentam medos e angús-

tias como qualquer outra pessoa, embriagando-se no prazer com que procuram esquecer a própria fragilidade.

Gostariam de ser autênticos, simples e afetuosos, porque se sentem emocionalmente frágeis, não tendo coragem de firmar-se na paz interior e no comportamento tranquilo.

Vivem uns entediados, outros irritados, mais outros revoltados, sem interesse real pela existência, que levam de maneira conveniente.

Possuem muitas quinquilharias, mas não são eles mesmos.

Habituarão-se à indumentária que vestem e, por isso mesmo, não suportam o contato com a vida real.

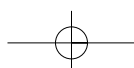
Não os invejes, pois que os não conheces!

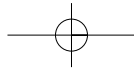
...

A piedade é um impositivo especial para ser inculcado na conduta humana, a fim de propiciar compreensão em torno dos fenômenos existenciais, complexos e perturbadores.

Diante, portanto, dessas vidas frágeis, apiada-te da ilusão em que jornadaíam, buscando, porém, em tua convicção espiritual robustecer-te, para bem enfrentares os desafios e provocações da estrada iluminativa.

A Terra é uma Escola de bênçãos, onde a dor ensina desenvolvimento espiritual e proporciona ascensão no rumo da plenitude. ➤





Ninguém há que passe pela experiência física sem a contribuição dos sofrimentos lapidadores das arestas morais.

Todos que transitam no mundo carregam feridas desconhecidas, algumas cicatrizadas, outras não, ensejando retificações e proporcionando corrigendas em relação aos atos equivocados.

As vidas fortes são aquelas que se inspiram no Amor e fruem o néctar da bondade que sabem esparzir.

Muitas vezes, sob chuvas de ácido e de fel, jornadeiam irradiando sol de alegria e favorecendo com sementeira de bondade, de forma que aqueles que venham depois encontrem o caminho preparado e reverdecido pela esperança.

Para esse fortalecimento se torna indispensável a conquista das paisagens internas através do conhecimento espiritual e a prática das lições do Evangelho de Jesus.

O mundo da forma é também o do engano, da exteriorização, nunca o da realidade.

Por isso mesmo, muitos indivíduos, que são considerados fortes, tombam em plena batalha, quando sacudidos pelos fenômenos evolutivos que trazem a marca do sofrimento e da aflição. Não estão preparados para a viagem solitária e noturna, desde que se acostumaram aos fogos de artifício dos enganos.

Defrontados pelos convites à paciência, à compaixão, à misericórdia, descobrem-se desestruturados e fogem de maneira infeliz para lugar nenhum...

Acostumaram-se a mascarar-se e a iludir-se, não possuindo autoconfiança moral, desde que tudo quanto conseguiram foi a peso de

ouro e de bajulação, de trocas perniciosas...

Merecem, todas vidas, a melhor ternura e o melhor entendimento, de modo que lhes sejam facultados a oportunidade de crescer e o serviço libertador.

...

Recorda-te, entretanto, de Jesus que, aparentemente fraco ante as injunções da perversidade dos Seus dias, muito semelhantes a es-

tes, entregou-se à crucificação, forte e perene, demonstrando a todos a grandeza da Sua resistência, graças ao amor de que é possuidor.

Assim, não temas nunca essas vidas frágeis, disfarçadas como poderosas.

Joanna de Ângelis

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na noite de 22 de junho de 2005, na reunião mediúnica do Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.)

A excelência do bem

Mário Frigéri

“Ouviste que o salário da bondade é sempre a ingratidão, que a violência e a perfídia prevalecem em toda parte, que o poder do mal é o senhor do mundo.

Não creias, meu filho, nessa mentira soez.”

Letícia

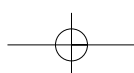
A mão da morte obriga o mentiroso
A olhar de frente a face da verdade;
E o orgulhoso, cheio de vaidade,
Retorna à Terra num corpo andrajoso.

Volta outra vez o fraudador à lida
E aqui devolve, ceitil a ceitil,
A alguém os bens que lhe subtraiu,
Bem como a honra, a paz e até a vida.

Ninguém afronta a Lei impunemente.
Todo triunfo do mal é fachada,
Mera ilusão nos fundamentos seus.

Por isso, filho, vive o bem somente,
Visto que o mal não é dono de nada:
Tudo que existe só pertence a Deus.

Fonte de consulta: Mensagem do livro *Amar e Servir*, Hernani T. Sant'Anna, pelo Espírito Letícia. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, cap. 84, p. 169.



ENTREVISTA: NESTOR JOÃO MASOTTI

A Doutrina Espírita a serviço da Humanidade

O Presidente da FEB, Nestor João Masotti, comenta os reflexos das comemorações do Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec e destaca a importância da difusão da Doutrina Espírita no Brasil e no Mundo

P. – Estão se encerrando as atividades do Bicentenário de Nascimento de Allan Kardec. Qual a síntese que faz das comemorações no País?

Masotti – Esse período de praticamente um ano em que foram realizadas as comemorações do Bicentenário de Allan Kardec, foi um período muito útil para a ampliação da difusão dos princípios espíritas, embasadas na biografia de Allan Kardec, seja no período em que ele atuou como educador e desenvolveu um trabalho muito grande voltado ao interesse social, seja também como Codificador da Doutrina Espírita, trazendo a mensagem consoladora dos Espíritos Superiores, de uma forma organizada e metódica, possibilitando a compreensão adequada aos seus ensinamentos. Este período se mostrou bastante rico para uma ampla divulgação do Espiritismo não só em nosso país como também no exterior.

P. – Há reflexos do 4º Congresso Espírita Mundial?

Masotti – Há sim, e é grande o número de reflexos por nós observado. O interesse geral vindo do Mundo todo indica que a Doutrina Espírita tem esse caráter abrangente. Em todos os lugares há pessoas interessadas em conhecê-la, e uma coisa que ficou bastante caracterizada é que tanto aqui no Brasil



Nestor João Masotti

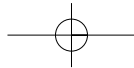
quanto na América ou na Europa, já se vai aprofundando o interesse cada vez maior para as questões relacionadas com a Mensagem Espírita, olhando-a através do seu caráter religioso dentro de um princípio de racionalidade, trazendo respostas às inquietações dos homens, que se têm mostrado muitas vezes desiludidos com as religiões, ou também desiludidos com a visão puramente materialista da vida. O 4º Congresso Espírita Mundial foi como que uma clarinada muito grande chamando a atenção dos homens em todos os sentidos e possibilitando aos Espíritos Superiores maior intensificação da difusão dos postulados espíritas.

P. – Houve edições de obras alusivas ao Bicentenário?

Masotti – As obras de Allan Kardec foram apresentadas em diversas formas, nos seus mais variados aspectos, e, do ponto de vista da formatação gráfica, foram sempre tratadas com uma abordagem melhor, com tamanho mais adequado, com vistas a colocar esses livros em igualdade de condições com os demais livros disponíveis nas livrarias do Mundo inteiro. Em termos de obra mais objetivamente voltada para Allan Kardec, temos a reedição, em especial, em dois volumes do livro de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen: *Allan Kardec: o educador e o codificador*. Esse trabalho, que inicialmente foi apresentado em três volumes, foi condensado em dois, e hoje já está sendo disponibilizado nos idiomas português e francês. Por sinal a edição francesa foi lançada no 4º Congresso Espírita Mundial ocorrido em Paris, França, em 2004. Esta abordagem mais sintética da obra inicial de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen concentrou-se nos dados mais objetivos da vida e obra de Allan Kardec, o que viabiliza sua maior difusão em nível internacional.

P. – Como está sendo difundida a obra de Kardec no Mundo?

Masotti – O Conselho Espírita Internacional está empenhado



em facilitar uma ampla difusão da obra de Kardec em todas as partes do Mundo e em todas as línguas, encontrando naturalmente uma série de dificuldades neste sentido, já que é grande o número de línguas para as quais deve ser traduzida, mas mesmo assim tem-se empenhado neste propósito. Um fator muito positivo que vem ocorrendo também é o fato de se encontrarem ainda traduções de Kardec do século XIX ou mesmo do início do século XX em várias línguas, que eram desconhecidas e que surgem como uma descoberta muito positiva no esforço de difusão mundial das obras do Codificador.

P. – E a obra de Chico Xavier, já tem sido traduzida para outros idiomas?

Masotti – Esse trabalho da tradução das obras de Chico Xavier tem sido um grande desafio especialmente para a própria Federação Espírita Brasileira. Apesar de já dispormos de obras de Chico Xavier vertidas para vários idiomas, agora a FEB se empenha, de forma especial, na edição de livros de Chico Xavier em francês, em inglês, em italiano, em alemão, em outras línguas que possibilitarão o conhecimento delas em todas as partes do Planeta. Vale destacar também o esforço que já ocorreu na edição de livros de Chico Xavier em esperanto. Trata-se de um desafio que a atual Administração da FEB está procurando superar, ou realizar, para realmente disponibilizar estas obras que entendemos de extrema importância na difusão da Doutrina Espírita e de máximo interesse para todas as pessoas de todas as partes do Mundo.

P. – Com base na rememora-

ção das comemorações do Bicentário de Kardec, qual recomendação aos espíritas do País?

Masotti – Podemos dizer que esses esforços se apresentarão como importantes para o trabalho de difusão da Doutrina, tomando o Bicentário de Kardec como referência e possibilitando uma ampla difusão dos seus ensinamentos. Destacamos como marco principal para todos aqueles que conhecem a Doutrina Espírita e que estão conscientes da sua importância e da sua necessidade no mundo em que nos encontramos, a mais ampla divulgação. Cabe a nós perseverar e continuar este esforço de colocar a mensagem consoladora da Doutri-

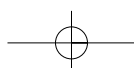
na Espírita, que Kardec tão bem codificou para todos, ao alcance e a serviço de todos os homens, promovendo o seu estudo continuado, metódico e perseverante, promovendo a sua divulgação por todos os procedimentos, por todos os meios viáveis, para torná-la realmente conhecida e estimulando a sua prática nos mais variados aspectos, seja nos esforços voltados para a prática da assistência e da promoção social, moral e espiritual a todas as pessoas como também para a renovação interior, que é um convite permanente que a Doutrina Espírita nos faz, voltado para o progresso a que todos nós estamos destinados. ■

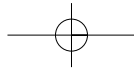
Memorandos

- A balança do bem não tem cópia.
- A vontade adoece, mas nunca morre.
- Quem compensa mal com mal, atinge males maiores.
- O amor real transpira imparcialidade.
- O sofrimento lembra o dever.
- O remédio excessivo faz-se veneno.
- Somos todos familiares de Jesus.
- Nenhum enfeite disfarça a culpa.
- A vida não cansa o coração humilde.
- Toda convicção merece respeito.
- Só a consciência tranqüila dá sono calmo.
- Emoções e idéias não existem a sós.
- O tempo não desfigura a beleza espiritual.
- Mediunidade, na essência, é cooperação mútua.
- Para o cristão não existem dores alheias, porque as dores da coletividade pertencem a ele próprio.
- Do erro nasce a correção.
- Lábios vigilantes não alardeiam vantagens.
- A caridade é o pensamento vivo do Evangelho.

André Luiz

Fonte: XAVIER, Francisco C.; VIEIRA, Waldo. *Estude e Viva*. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, cap. 27, p. 157-158.





Engrossar o fio

Richard Simonetti

O companheiro das lides espíritas estava doente, um mal que inspirava cuidados.

Conversando com Chico Xavier, enfatizou:

– Minha vida está por um fio. Não acha que está na hora de sossegar, encerrando minhas atividades na Seara Espírita?

E Chico:

– Negativo! Não pare! Dr. Bezerra de Menezes está me dizendo que quanto mais a gente trabalha mais o fio engrossa.

A resposta de Chico nos remete a uma questão controvertida – a duração da existência humana.

A Medicina deixa bem claro, hoje, que vasta parcela da população terrestre morre antes do tempo, em face dos maus-tratos a que submete o corpo, aniquilando-o de duas formas:

- De fora para dentro – intemperança física.

O álcool, o fumo, as drogas, a glotonaria, as noitadas alegres, as noites maldormidas, a ausência de exercícios, tudo isso compromete a estabilidade física, produzindo uma quantidade assustadora de males danosos à economia orgânica.

- De dentro para fora – intemperança emocional.

Pessoas estressadas, tensas, irritadas, nervosas, agriDEM o corpo, comprometendo sua estabilidade.

Hipertensão arterial, distúrbios

circulatórios, que afetam o coração, favorecendo o infarto, o campeão da mortalidade, nascem desse tipo de comportamento.

O mesmo acontece com o cultivo de mágoas, ressentimentos e rancores, que perturbam os mecanismos imunológicos.

Essas auto-agressões, de fora para dentro e de dentro para fora, favorecem a instalação e evolução de males que acabam, literalmente, por despejar o Espírito da casa física, a ruir sobre sua cabeça em face de sua displicência quanto aos cuidados em favor de sua conservação.

...

Há o reverso da moeda.

Podemos dilatar a jornada humana, engrossando o fio da vida, como diz Chico, empenhados no esforço do Bem.

Mãos servindo são antenas que estendemos para a sintonia com as fontes da Vida e a captação das bênçãos de Deus.

Semelhante empenho não apenas fortalece o corpo, como nos habilita a receber valiosas moratórias quanto à extensão da jornada humana.

É até uma questão de boa lógica.

Se é tão difícil encontrar gente disposta a servir, neste mundo dominado pelo egoísmo, obviamente os Mentores espirituais estarão sempre empenhados em nos fortalecer, sustentando nossa existência

para que beneficiemos existências alheias.

Encontramos no próprio meio espírita inúmeros exemplos de companheiros que recebem abençoadas moratórias – a dilatação da jornada humana além dos limites programados.

...

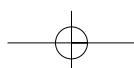
O próprio Chico é um exemplo marcante.

Com uma vida de sacrifícios, enfrentando privações na infância, problemas na idade adulta, sempre dormindo pouco, assediado pelos inimigos da Doutrina, procurado por multidões, que não lhe davam tréguas, poderia ter desencarnado mais cedo, mesmo porque o cerne de sua obra, a nosso ver, completou-se com a publicação de *Evolução em Dois Mundos*, de André Luiz, em 1960.

Esse livro marcou a culminância de seu trabalho.

No entanto, ainda viveu quarenta e dois anos, de profícuo labor mediúnico, sustentado pela Espiritualidade para o abençoado serviço da consolação, envolvendo milhares de mensagens de Espíritos desencarnados que renovaram o ânimo e as esperanças de seus familiares, em gloriosos testemunhos de imortalidade.

Chico deixou bem claro para nós outros, iniciantes na arte de viver, como podemos *engrossar o fio da vida*, cultivando o esforço do Bem. ■



PRESENÇA DE CHICO XAVIER

O Espiritismo no Brasil

Numerosos companheiros de Allan Kardec já haviam regressado às luzes da espiritualidade, quando inúmeras entidades do serviço de direção dos movimentos espiritistas no planeta deliberaram efetuar um balanço de realizações e de obras em perspectiva, nos arraiais doutrinários, sob a bênção misericordiosa e augusta do Cordeiro de Deus.

Vivia-se, então, no limiar do século XX, de alma aturdida ante as renovações da indústria e da ciência, aguardando-se as mais proveitosas edificações para a vida do Globo.

Falava-se aí, nesse conclave do plano invisível, com respeito à propagação da nova fé, em todas as regiões do mundo, procurando-se estudar as possibilidades de cada país, no tocante ao grande serviço de restauração do Cristianismo, em suas fontes simples e puras.

Após várias considerações, em torno do assunto, o diretor espiritual da grande reunião falou com segurança e energia:

– “Irmãos de eternidade: no mundo terrestre, de modo geral, as doutrinas espiritualistas, em sua complexidade e transcendência, repousam no coração da Ásia adormecida; mas, precisamos considerar que o Evangelho do Divino Mestre

não conseguiu ainda harmonizar essas variadas correntes de opinião do espiritualismo oriental com a fraternidade perfeita, em vista de as nações do Oriente se encontrarem cristalizadas na sua própria grandeza, há alguns milênios.

Em breve, as forças da violência acordarão esses países que dormem o sono milenário do orgulho, numa injustificável aristocracia espiritual, a fim de que se integrem na lição da solidariedade verdadeira, mediante os ensinamentos do Senhor!... Urge, pois, nos voltemos para a Europa e para a América, onde, se campeiam as inquietações e ansiedades, existe um desejo real de reforma, em favor da grande cooperação pelo bem comum da coletividade. Certo, essa renovação é sinônimo de muitas dores e dos mais largos tributos de lágrimas e de sangue; mas, sobre as ruínas da civilização ocidental, deverá florescer no futuro uma sociedade nova, com base na solidariedade e na paz, em todos os caminhos do progressos humanos... Examinemos os resultados dos primeiros esforços do Consolador, no Velho Mundo!...”

E os representantes dos exércitos de operários, que laboram nos diversos países da Europa e da América, começaram a depor, sobre os seus trabalhos, no congresso do plano invisível, elucidando-os sinteticamente:

– “A França – exclamava um deles –, berço do grande missionário

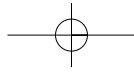
e codificador da doutrina, desvela-se pelo esclarecimento da razão, ampliando os setores da ciência humana, positivando a realidade de nossa sobrevivência, através dos mais avançados métodos de observação e de pesquisa. Lá se encontram ainda numerosos mensageiros do Alto, como Denis, Flammarion e Richet, clareando ao mundo os grandes caminhos filosóficos e científicos do porvir.”

– “A Grã-Bretanha – afirmava outro – multiplica os seus centros de estudo e de observação, intensificando as experiências de Crookes e dissolvendo antigos preconceitos.”

– “A Itália – asseverava novo mensageiro – teve com Lombroso o início de experiências decisivas. O próprio Vaticano se interessa pela movimentação das idéias espiritistas no seio das classes sociais, onde foi estabelecido rigoroso critério de análise no comércio dos planos invisíveis com o homem terrestre.”

– “A Rússia, bem como outras regiões do Norte – prosseguia outro emissário –, conseguira com Aksakof a difusão de nossas verdades consoladoras. Até a corte do Czar se vem interessando nas experimentações fenomênicas da Doutrina.”

– “A Alemanha – afirmava ainda outro – possui numerosos físicos que se preocupam cientificamente com os problemas da vida e da morte, enriquecendo os nossos esforços de novas expressões de experiência e cultura...”



Iam as exposições a essa altura, quando uma luz doce e misericordiosa inundou o ambiente da reunião de sumidades do plano espiritual. Todos se calaram, tomados de emoção indizível, quando uma voz, augusta e suave, falou, através das vibrações radiosas de que se tocava a grande assembléia:

– “Amados meus, não tendes, para a propagação da palavra do Consolador, senão os recursos da falível ciência humana? Esqueceste que os excessos de raciocínio prejudicaram o coração das ovelhas desgarradas do grande rebanho? Não haverá verdade sem humildade e sem amor, porque toda a realidade do Universo e da vida deve chegar ao pensamento humano, antes de tudo, pela fé, ao sopro dos seus splendores eternos e divinos!... Operários do Evangelho: excelente é a ciência bem intencionada do mundo, mas não esqueçais o coração, em vossos labores sublimes... Procurai a nação da fraternidade e da paz, onde se movimenta o povo mais emotivo do globo terrestre, e iniciai ali uma tarefa nova. Se o Cristo edificou a sua igreja sobre a pedra segura e inabalável da fé que remove montanhas e se o Consolador significa a doutrina luminosa e santa de esperança de redenção suprema das almas, todos os seus movimentos devem conduzir à caridade, antes de tudo, porque sem caridade não haverá paz nem salvação para o mundo que se perde!...”

Uma copiosa efusão de luzes, como bênçãos do Divino Mestre, desceu do Alto sobre a grande assembléia, assim que o apóstolo do Senhor terminou a sua exortação comovida e sincera, luzes essas que se dirigiam, como aluvião de clari-

dades, para a terra generosa e grande que repousa sob a luz gloriosa da constelação do Cruzeiro.

E foi assim que a caridade selou, então, todas as atividades do Espiritismo brasileiro. Seus núcleos, em todo o país, começaram a representar os centros de eucaristia divina para todos os desesperados e para todos os sofredores. Multiplicaram-se as tendas de trabalho do Consolador, em todas as suas cidades prestigiosas, e as receitas mediúnicas, os conselhos morais, os postos de assistência, as farmácias

homeopatas gratuitas, os passes magnéticos, multiplicaram-se, em todo o Brasil, para a fusão de todos os trabalhadores, no mesmo ideal de fraternidade e de redenção pela caridade mais pura.

Humberto de Campos

(Recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em 5 de novembro de 1938.)

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Novas Mensagens*, 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 7-11.

Desencarnação

...E desperto, extasiado, entre a praia e a montanha...
Porque mais claro o céu, porque mais verde o mar?
O mundo em derredor é um castelo a brilhar,
Entre ogivas de prata a lua se emaranha....

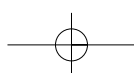
Cantam vagas na areia uma balada estranha,
Guardo, alerta e feliz, o dom de reencontrar
O berço, a meninice, a voz do antigo lar,
A poesia do amor que me inspira e acompanha!...

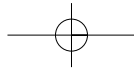
Insone, torno ao quarto, e vejo-me deposto,
Rígido o corpo inerte, a palidez no rosto...
Será isto, Senhor, o pesar de morrer?!...

Vida, que me trouxeste à morte malsofrida,
Morte, que restituis meu coração à vida,
Quero partir, mudar, renovar, esquecer!...

Olegário Mariano

Fonte: XAVIER, Francisco C. *Poetas Redivivos*. Diversos Espíritos. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994, cap. 7, p. 21.





Doação de órgãos para transplante

Jorge Hessen

Nas práticas médicas de todas as especialidades, o transplante de órgãos é a que demonstra com maior clareza a estreita relação entre a morte e a nova vida, o renascimento das cinzas como Fênix: o mitológico pássaro símbolo da renovação do tempo e da vida após a morte.¹

A temática “doação de órgãos e transplantes” é bastante coetânea no cenário terreno. Sobre o assunto as informações instrutivas dos Benfeitores espirituais não são abundantes. O projeto genoma, as investigações sobre células-tronco embrionárias e outras sinalizam o alcance da ciência humana. Os transplantes, em épocas recuadas repletas de casos de rejeição, tornaram-se práticas hodiernas de recomposição orgânica. O esmero *in vivo* de experiências visando regeneração de células e a perspectiva de melhoria de vida caminham adiante, em que pese às pesquisas ensaiarem, ainda, as iniciantes marchas. Isso torna auspiciosa a expectativa da ciência contemporânea. Contudo, o receio do desconhecido paira no imaginário de muitos.

Alguns espíritos recusam-se a autorizar, em vida, a doação de seus próprios órgãos após a desencarnação, alegando que Chico Xavier

não era favorável aos transplantes. Isso não é verdade! Mister esclarecer que Chico Xavier quando afirmou *a minha mediunidade, a minha vida, dediquei à minha família, aos meus amigos, ao povo. A minha morte é minha. Eu tenho este direito. Ninguém pode mexer em meu corpo; ele deve ir para a mãe Terra...*, fê-lo porque quando ainda encarnado Chico recebeu várias propostas inoportunas para que seu cérebro fosse estudado após sua desencarnação. Daí o compreensível receio de que seu corpo fosse profanado nesse sentido.

Não podemos esquecer que *hoje somos potenciais doadores. Amanhã, podemos ser ou nossos familiares e amigos potenciais receptores. (...)*

*Para a maioria das pessoas, a questão da doação é tão remota e distante quanto a morte. Mas para quem está esperando um órgão para transplante, ela significa a única possibilidade de vida!*² Joanna de Ângelis, sabendo dessa importância, ressalta: (...) *Verdadeira bênção, o transplante de órgãos concede oportunidade de prosseguimento da existência física, na condição de moratória, através da qual o Espírito continua o périplo orgânico. Afinal, a vida no corpo é meio para a plenitude – que é a vida em si mesma, estuante e real.*³

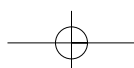
Em entrevista à TV Tupi em agosto de 1964, Francisco Cândido

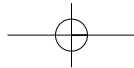
Xavier comenta que o transplante de órgãos, na opinião dos Espíritos sábios, é um problema da Ciência muito legítimo, muito natural e deve ser levado adiante. Os Espíritos, segundo Chico Xavier – *não acreditam que o transplante de órgãos seja contrário às leis naturais. Pois é muito natural que, ao nos desvencilharmos do corpo físico, venhamos a doar os órgãos prestantes a companheiros necessitados deles, que possam utilizá-los com proveito.*⁴

A doação de órgãos para transplantes é perfeitamente legítima. Divaldo Franco certifica: *Se a misericórdia divina nos confere uma organização física sadia, é justo e válido, depois de nos havermos utilizado desse patrimônio, oferecê-lo, graças as conquistas valiosas da ciência e da tecnologia, aos que vieram em carência a fim de continuarem a jornada.*⁵

*Não há, também, reflexos traumatizantes ou inibidores no corpo espiritual, em contrapartida à mutilação do corpo físico. O doador de olhos não retornará cego ao Além. Se assim fosse, que seria daqueles que têm o corpo consumido pelo fogo ou desintegrado numa explosão?*⁶

Quando se pode precisar que uma pessoa esteja realmente morta? Conforme a *American Society of Neuroradiology*, morte encefálica é o estado irreversível de cessação de todo o encéfalo e funções neurais, resultante de edema e maciça destruição dos tecidos encefálicos ape-





sar da atividade cardiopulmonar poder ser mantida por avançados sistemas de suporte vital e mecanismo e ventilação.⁷

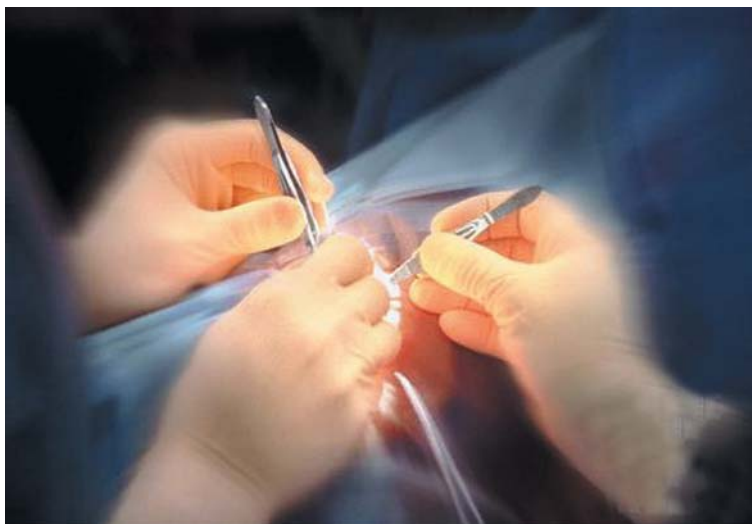
A grande celeuma do assunto é a (...) morte encefálica, na vigência da qual órgãos ou partes do corpo humano são removidos para utilização imediata em enfermos deles necessitados.

(...) Estar em morte encefálica, portanto, é estar em uma condição de parada definitiva e irreversível do encéfalo, incompatível com a vida e da qual ninguém jamais se recupera.⁸ Havendo morte cerebral, verificada por exames convencionais e também apoiada em recursos de moderna tecnologia, apenas aparelhos podem manter a vida vegetativa, por vezes por tempo indeterminado. É nesse estado que se verifica a possibilidade de o doador de órgãos “morrer” e só então seus órgãos podem ser aproveitados – já que órgãos sem irrigação sanguínea não servem para transplantes. Seria a eutanásia? Evidentemente que caracterizar o fato como tal carece de argumentação científica (...) para condenarem o transplante de órgãos: a eutanásia de modo algum se encaixaria nesses casos de morte encefálica comprovada.⁹

A Medicina, no mundo todo, tem como certeza que a morte encefálica, que inclui a morte do tronco cerebral¹⁰ só terá constatação através de dois exames neurológicos, com intervalo de seis horas, e

um complementar. Assim, quando for constatada cessação irreversível da função neural, esse paciente estará morto, para a unanimidade da literatura médica.

Questão que também amiúde se levanta é a rejeição do organismo após a cirurgia. Chico Xavier nos vem ao auxílio, explicando: André Luiz considera a rejeição como um problema claramente compreensível, pois o órgão do corpo espiritual está presente no receptor. O órgão perispiritual provoca os elementos da defensiva do corpo, que os recur-



sos imunológicos, em futuro próximo, naturalmente, vão suster ou coibir.¹¹ A partir de 1967, desenvolveram-se várias drogas imunossupressoras (ciclosporina, azatiaprina e corticóides), que visavam reduzir a possibilidade de rejeição, passando então os receptores de órgãos a terem uma maior sobrevivência.¹²

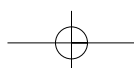
(...) estatisticamente, o que há é que a taxa de sobrevivência dos transplantes é extremamente elevada. Isso graças não só às técnicas médicas, sempre se aperfeiçoando, mas tam-

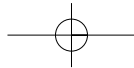
bém pelos esquemas imunossupressores que se desenvolveram e se ampliaram consideravelmente, existindo atualmente esquemas que levam a zero por cento (0%) a rejeição celular aguda na fase inicial do transplante, que é quando ocorrem.¹³

André Luiz explica que quando a célula é retirada da sua estrutura formadora, no corpo humano, indo laboratorialmente para outro ambiente energético, ela perde o comando mental que a orientava e passa, dessa forma, a individualizar-se; ao ser implantada em outro organismo (por transplante, por exemplo), tenderá a adaptar-se ao novo comando (espiritual) que a revitalizará e a seguir coordenará sua trajetória.¹⁴

Condição essa corroborada por Joanna de Ângelis quando expõe: (...) Transferido o órgão para outro corpo, automaticamente o perispírito do encarnado passa a influenciá-lo, moldando-o às suas necessidades, o que exigirá do paciente beneficiado a urgente transformação moral para melhor, a fim de que o seu mapa de provações seja também modificado pela sua renovação interior, gerando novas causas desencadeadoras para a felicidade que busca e talvez ainda não mereça.¹⁵

Os Espíritos afirmaram a Kardec que o desligamento do corpo físico é um processo gradual e que pode demorar minutos, horas, dias, meses.¹⁶ Embora com a morte física





não haja mais qualquer vitalidade no corpo, ainda assim há casos em que o Espírito, cuja vida foi toda material, sensual, fica jungido aos despojos, pela afinidade dada por ele à matéria.¹⁷ Todavia, recordemos, ainda, de situação que ocorre todos os dias nas grandes cidades: a prática da necropsia, exigida por força da Lei, nos casos de morte violenta ou sem causa determinada: abre-se o cadáver, da região esternal até o baixo ventre, expondo-se-lhe as vísceras tóracoabdominais.¹⁸ Não se pode perder de vista a questão do mérito individual. (...) Estaria o destino dos Espíritos desencarnados à mercê da decisão dos homens em retirar-lhes os órgãos para transplante, em cremar-lhes o corpo ou em retalhar-lhes as vísceras por ocasião da necropsia?! O bom senso e a razão gritam que isso não é possível, porquanto seria admitir a justiça do acaso e o acaso não existe!¹⁹

Em síntese a doação de órgãos para transplantes não afetará o Espírito do doador, exceto se acreditarmos ser injusta a Lei de Deus e estarmos no Orbe à deriva da Sua Vontade. Lembremos que nos Estatutos do Pai não há espaço para a injustiça, e o transplante de órgãos (façanha da ciência humana) é valiosa oportunidade dentre tantas outras colocadas à nossa disposição para o exercício da amor. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹Mário Abbud Filho Ex-Presidente da Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos. Presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São José do Rio Preto. Membro da *American Society Transplant Physician*. Membro da *International Transplantation Society*, disponível <http://members.tripod.com/themedpage/artigos_doacao.htm> acesso em 12/4/2005.

² In: *Doação de Órgãos e Transplantes* de Wladimir Lisso / Cleusa M. Cardoso de Paiva, disponível <<http://www.lissoportalespirita.com.br/sintese.htm>> acesso em 15/4/2004.

³FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias Gloriosos*, pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador/BA: Ed. LEAL, 1999, Cf. Cap. “Transplantes de Órgãos”.

⁴ Publicada na *Revista Espírita Allan Kardec*, ano X, nº 38.

⁵FRANCO, Divaldo Pereira. *Seara de Luz*. Salvador: Editora LEAL [o livro apresenta uma série de entrevistas ocorridas com Divaldo entre 1971 e 1990].

⁶SIMONETTI, Richard. *Quem tem medo da morte?* – São Paulo/SP: Editora Lumini, 2001.

⁷In: *Dos Transplantes de Órgãos à Clonagem*, de Rita Maria P. Santos. Ed. Forense, Rio/RJ, 2000, p. 41.

⁸BEZERRA, Evandro Noleto. *O Transplante de Órgãos na Visão Espírita*, publicado na revista *Reformador* – outubro/1998, p. 314.

⁹*Idem, ibidem.*

¹⁰O tronco cerebral, e não o coração, é reconhecido como o organizador e “comandante” de todos os processos vitais. Nele está alojada a capacidade neural para a respiração e batimentos cardíacos espontâneos; sem tronco ninguém respira por si só.

¹¹Cf. *Revista Espírita Allan Kardec*, ano X, nº 38.

¹²*Folha de S.Paulo*, A3, “Opinião”, 15 de Maio de 2001.

¹³Entrevista com o Prof. Dr. Flávio Jota de Paula. Médico da Unidade de Transplante Renal do HC/FMUSP. 1º Secretário da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO). Diretor da I Mini Maratona de Transplantados de Órgãos do Brasil. Publicado em *Prática Hospitalar* ano IV, nº 24, nov-dez/2002.

¹⁴XAVIER, Francisco Cândido. *Evolução em Dois Mundos*, pelo Espírito André Luiz. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, cap. 5, “Células e Corpo Espiritual”.

¹⁵FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias Gloriosos*, pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador/BA: Ed. LEAL, 1999.

¹⁶KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, Parte Segunda, cap. III, questão 155, p. 135-136.

¹⁷KÜHL, Eurípedes. *Entrevista Virtual: Doação de Órgãos e Transplantes*.

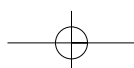
<www.cvdee.org.br/> acesso em 24/4/2005. Fonte: Comentário de Kardec à questão 155 de *O Livro dos Espíritos*.

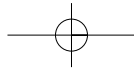
¹⁸Cf. BEZERRA, Evandro Noleto. *Transplante de Órgãos na Visão Espírita*, publicado na revista *Reformador* – outubro/1998, p. 315.

¹⁹*Idem, ibidem.*

Obras de
ALLAN KARDEC

Tel.: (21) 2187-8282
relacionamento@febrasil.org.br - www.febrasil.org.br





Allan Kardec e o trabalho em equipe

Cezar Braga Said

Aprender a trabalhar em equipe é um requisito fundamental para a nossa própria socialização, pois na vida de relação somos chamados a conviver com pessoas diferentes, das quais dependemos e com as quais precisamos colaborar.

É um erro acreditar que podemos fazer tudo sozinho, sem o auxílio dos demais. É também um equívoco acreditar que o trabalho só sairá bom se formos nós os executores. A auto-suficiência é uma das grandes ilusões contra a qual precisamos lutar. Nenhum de nós sabe e pode tudo, nosso saber e poder são relativos. Todos estamos na condição de aprendizes, em regime de interdependência, destinados a aprender uns com os outros o que ignoramos.

Em torno desta questão, Allan Kardec faz uma advertência que poderíamos considerar como uma constatação de sua parte, tendo em vista que não deixamos de ser imperfeitos pelo simples fato de abraçarmos os princípios espíritas: *“Um erro muito freqüente entre alguns neófitos é o de se julgarem mestres após alguns meses de estudo. (...) Há nessa pretensão de não mais necessitar de conselhos e de se julgar acima de todos uma prova de im-*

*competência, pois não atende a um dos primeiros preceitos da doutrina: a modéstia e a humildade.”*¹

Apenas ousaríamos acrescentar que não são apenas os novos adeptos; muitas vezes, alguns dos mais antigos e experientes, equivocadamente, também pensam assim.

Diferentemente dessa postura, quando procuramos atuar em equipe, muitas vezes somos chamados a colaborar de maneira anônima, aceitando a liderança de companheiros que estão investidos dessa responsabilidade. Em outras ocasiões, também somos chamados a assumir o comando dos esforços e, de uma forma ou de outra, sempre deveremos acatar as decisões que decorram do consenso. Mesmo porque, nenhum de nós é indispensável, embora todos sejamos chamados a colaborar nesse ou naquele setor.

Relativizar nossa importância sem nos subestimar é sinal de bom senso, pois, neste particular, até mesmo o Codificador foi orientado lúcida e amorosamente pelo Espírito de Verdade, quanto à melhor postura a ser adotada diante da tarefa que lhe era anunciada: *“(...) Não esqueças que podes triunfar, como podes falir. Neste último caso, outro te substituiria, porquanto*

*os desígnios de Deus não assentam na cabeça de um homem.”*²

Apesar desta possibilidade, era ele quem reunia as melhores condições para empreender a tarefa de codificar o Espiritismo, embora se encontrassem também reencarnados Espíritos prontos a levar adiante os desígnios de Jesus.

Allan Kardec não apenas valorizava o trabalho em equipe, como também fazia parte de uma, a equipe do Espírito de Verdade, que atuava em conjunto, desdobrando-se nas esferas espiritual e material.

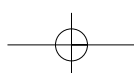
O próprio Jesus, quando encarnado entre nós, enfatizou a importância do trabalho em equipe, convocando doze apóstolos para o serviço de evangelização das criaturas.

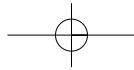
As obras de André Luiz, em particular, narram a organização, a disciplina, os princípios que regem Nosso Lar e algumas outras colônias espirituais, demonstrando que ninguém, em lugar algum, opera sozinho na obra do bem ou do mal.

Os relatos de Emmanuel, na obra *Paulo e Estêvão*, informam que na constituição da Casa do Caminho e nos primeiros núcleos do Cristianismo primitivo, havia sempre mais de um companheiro se re-

¹KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, novembro de 1861. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 499.

²KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005, p. 343.





vezando com outro na execução das tarefas. O sentido da ação em equipe, proclamado de forma silenciosa por Jesus, tornou-se uma importante diretriz na organização e sobrevivência desses primeiros núcleos.

Hoje em dia, para que os centros espíritas possam continuar fiéis a Jesus e a Kardec, faz-se necessário que as equipes estejam abertas para se renovarem. Renovarem-se com novas idéias e novos companheiros, sem que ninguém retenha indefinidamente o comando de nada. Mas que essa renovação se processe com critérios e não estouvadamente. Que ocorra sem apego e melindres.

Sabemos que a principal renovação de que temos necessidade é a do nosso mundo interior, pois sem esta, todas as outras ficarão comprometidas. Mas podemos atualizar as técnicas, estudar e implantar novos modelos de gestão, rever a metodologia dos estudos, convidar expositores de outras casas, promover encontros, criar grupos para estudar determinada obra, participar de encontros de preparação promovidos pelos órgãos de unificação ou por determinados Centros, analisar outras experiências, a fim de que a nossa equipe cresça e o trabalho prossiga com qualidade.

As diretrizes gerais para esse empreendimento estão sinalizadas e ao mesmo tempo justificadas na Codificação, particularmente em *Obras Póstumas*: “Para a comunidade dos adeptos, a aprovação ou a desaprovação, o consentimento ou a recusa, as decisões, em suma, de um corpo constituído, representando opinião coletiva, forçosamente terão uma autoridade que jamais teriam, se emanassem de um só indivíduo, que apenas representa uma opinião

*pessoal. É freqüente uma pessoa rejeitar a opinião de outra, por entender que se humilharia, caso se submetesse a essa opinião, e acatar sem dificuldade a de muitos.”*³

Kardec escreve, com todas as letras que não há ninguém que possua a luz universal e que “(...) *um homem pode equivocar-se acerca de suas próprias idéias, enquanto que outros podem ver o que ele não vê (...).*”⁴ O que ressalta a importância do trabalho e da convivência em grupo.

Se parássemos para meditar o quanto pode realizar um grupo de trabalho unido, sincero, onde a amizade seja verdadeira, compreenderíamos que perdemos muito tempo com ciúmes, rivalidades dissimuladas, falatórios excessivos, preocupações desnecessárias, discussões infrutíferas, que acabam comprometendo os bons propósitos de um grupo espírita.

Numa equipe formada por espíritas não deve haver lugar para centralizações, autoritarismos, nem submissões ou passividades; cada membro oferece suas melhores energias, suas idéias, seu afeto, colaborando para a aproximação de todos e resolução das divergências.

Quando não temos uma equipe, mas uma “**equipe**”, o afastamento gradativo dos companheiros é apenas uma questão de tempo.

Nestas circunstâncias não haverá uma entidade coletiva, mas uma aglomeração de pessoas sem objetivos comuns; os laços não serão cristãos, mas apenas aqueles que a conveniência recomendar.

Quando, ao contrário, há uma,

reunião de pessoas verdadeiramente unidas, a entidade coletiva perpetua-se e mesmo perdendo um ou vários de seus membros, o trabalho não sofrerá solução de continuidade.

Essas colocações valem para a direção de um órgão de unificação, de um Centro Espírita, de um departamento existente no Centro ou mesmo para uma equipe transitória, que se constitua apenas para a realização de um evento.

Mais do que apenas fazer a nossa parte, precisamos analisar se colaboramos para que os outros façam a parte que lhes compete. Não com intromissões que comprometam a autonomia dos companheiros e impeçam que os erros lhes ensinem o que precisam saber, mas com estímulos, sugestões, colocando-nos à disposição para auxiliá-los, tanto quanto desejamos o concurso deles em nosso próprio benefício.

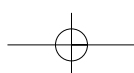
Finalizamos evocando uma vez mais o lúcido pensamento de Allan Kardec sobre o assunto, para que possamos analisar, cada um *de per si*, a natureza dos vínculos que temos estabelecido com nossos companheiros de ideal.

“(...) *Se um grupo quiser estar em condições de ordem, de tranqüilidade, de estabilidade, faz-se mister que nele reine um sentimento fraterno. Todo grupo que se formar sem ter por base a caridade efetiva, não terá vitalidade, ao passo que os que se fundarem segundo o verdadeiro espírito da doutrina olhar-se-ão como membros de uma mesma família que, embora não podendo viver sob o mesmo teto, moram em lugares diversos.*”⁵ ■

³Idem, *ibidem*. p. 430.

⁴Idem, *ibidem*. p. 439.

⁵KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, fevereiro de 1862. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 61.



ESFLORANDO O EVANGELHO

Emmanuel

O cego de Jericó

“Dizendo: Que queres que te faça?
E ele respondeu: – Senhor, que eu veja.”

– (Lucas, 18:41.)

O cego de Jericó é das grandes figuras dos ensinamentos evangélicos.

Informa-nos a narrativa de Lucas que o infeliz andava pelo caminho, mendigando... Sentindo a aproximação do Mestre, põe-se a gritar, implorando misericórdia.

Irritam-se os populares, em face de tão insistentes rogativas. Tentam impedi-lo, recomendando-lhe calar as solicitações. Jesus, contudo, ouve-lhe a súplica, aproxima-se dele e interroga com amor:

– *Que queres que te faça?*

À frente do magnânimo dispensador dos bens divinos, recebendo liberdade tão ampla, o pedinte sincero responde apenas isto:

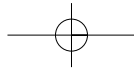
– *Senhor, que eu veja!*

O propósito desse cego honesto e humilde deveria ser o nosso em todas as circunstâncias da vida.

Mergulhados na carne ou fora dela, somos, às vezes, esse mendigo de Jericó, esmolando às margens da estrada comum. Chama-nos a vida, o trabalho apela para nós, abençoa-nos a luz do conhecimento, mas permanecemos indecisos, sem coragem de marchar para a realização elevada que nos compete atingir. E, quando surge a oportunidade de nosso encontro espiritual com o Cristo, além de sentirmos que o mundo se volta contra nós, induzindo-nos à indiferença, é muito raro sabermos pedir sensatamente.

Por isso mesmo, é muito valiosa a recordação do pobrezinho mencionado no versículo de Lucas, porquanto não é preciso compareçamos diante do Mestre com volumosa bagagem de rogativas. Basta lhe peçamos o dom de ver, com a exata compreensão das particularidades do caminho evolutivo. Que o Senhor, portanto, nos faça enxergar todos os fenômenos e situações, pessoas e coisas, com amor e justiça, e possuiremos o necessário à nossa alegria imortal.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, Verdade e Vida*. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005, cap. 44, p. 103-104.



Ainda o Bicentenário de Allan Kardec

Ney da Silva Pinheiro

*“E os considerados mortos falam ao mundo na sua linguagem de estranha purificação. A Ciência, zelosa de suas conquistas, ainda não ouviu a sua vibração misteriosa, mas os filhos do infortúnio sentem-se envolvidos na onda divina de um novo Gloria in excelsis, e a Humanidade sofredora sente-se no caminho consolador da sublime esperança” – afirma nos pórticos de *Parnaso de Além-Túmulo* (“De pé, os mortos!”, p. 41, 17. ed. FEB) o peregrino autor de *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, Humberto de Campos, num diagnóstico singular do drama do século.*

Ainda quando se faz ouvir o eco das vozes de reconhecimento e de afeto que em todo mundo homenagearam o bicentenário da volta de Allan Kardec ao palco da vida terrena, tentaremos, na linguagem do coração, que todos entendem, registrar aqui, o nosso singelo testemunho ante a grandeza da Doutrina de consolação e de sabedoria, selada pelo reconhecimento dessa multidão de almas que, na Terra e nos espaços, invocam a memória do insigne Codificador da Doutrina Espírita, num preito de gratidão e admiração que há de ser ouvido pelos séculos.

Ao influxo da inspiração e do sentimento, propomo-nos dizer algo a respeito do vulto e da obra do insigne Missionário da Terceira Revelação, sem outra preocupação que não a de testemunhar-lhe, no louvor e na ternura do coração, no incenso incorruptível dessas evocações que não têm salário, a nossa admiração incondicional e irrevogável à beleza cristalina da Doutrina que sistematizou.

A Terceira Revelação precisava, para materializar-se na Terra, contar com um Espírito de alta envergadura moral e de qualidades espirituais e intelectuais excepcionais, para levar a bom termo a responsabilidade que envolvia os encargos de um legítimo refor-

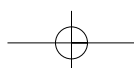
mador, e ressurgiu, então, no palco dos acontecimentos, assinalado pela Providência, a figura impoluta de Allan Kardec, redivivo das cinzas do pretérito, para o plano das lutas redentoras, e inicia a sua tarefa sagrada de emancipação das consciências no rumo da Verdade sem mescla.

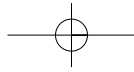
Inestimáveis subsídios oferece-nos, ainda no século passado, para conhecimento da relevância da obra de Allan Kardec, vista de ângulo singular, o saudoso professor Ismael Gomes Braga, ao nos proporcionar uma visão do valor como filosofia de vida, do alcance no espaço e no tempo, e da profundidade excepcional da Doutrina Espírita, a sua repercussão no mundo latino e o que lhe está reservado para o futuro, quando escreve este abalizado depoimento:

– “Kardec ainda é compreendido por minorias religiosas e só no mundo latino; as obras do mestre ainda não foram reimpressas na língua inglesa. Kardec ainda é alto demais para os espiritualistas ingleses; ainda é desconhecido do grande público, mesmo na França. Só os séculos virão a compreender Kardec e aproveitar-lhe a Obra. É grande demais para o nosso século. Porque as obras realmente grandes e destinadas a grande futuro são silenciosas, não entusiasмам àquelas multidões que se afinizam com ideais de limitados horizontes e triunfos rápidos.”

Em que pese a repercussão que identificamos hoje, no amanhecer do nosso século, em várias partes do mundo, de notáveis realizações das atividades espíritas, que não invalidam as afirmações de Ismael Gomes Braga.

Um Espírito como Kardec a Providência Divina evoca entre os homens de século em século, ou mais. A presença visível de uma individualidade dessa envergadura, pelo influxo de forças espirituais que representa, significa para o gênero humano um impulso decisivo no sentido de sua destinação espiritual.





Não me farto em declarar, aqui, o pensamento de Emmanuel, a respeito da envergadura da missão espiritual de Allan Kardec:

“*Ele é o apóstolo da renovação cristã.* Com este título, conquistado ao preço de profundos sacrifícios, cooperou com Jesus para que o mundo não desfalecesse desesperado. E contribuindo com valorosa coragem, de que forneceu amplo testemunho, *organizaram-se na espiritualidade os mais dilatados empreendimentos de colaboração e auxílio à sua iniciativa superior.* Através dos seus passos, movimentou-se um mundo mais elevado, abriram-se portas desconhecidas ao olhar comum, a fim de que a fé e a ciência iniciassem a marcha da suprema coesão em Cristo Jesus.”

“Eis o motivo [diz Ernani Santana], pelo qual o seu nome é flama, é garantia, é plataforma, porque é, por sua própria expressão de fé indômita, a consubstanciação triunfante e viva do ideal que defendeu.”

Declinamos aqui, por valioso, a respeito da estatura moral de Allan Kardec, o testemunho de Alexandre Delanne, pai do eminente Gabriel Delanne, em carta de 30 de março de 1870, dirigida a Amélie-Gabrielle Boudet, esposa de Kardec, onde depõe para a posteridade, nestes termos:

“Entretanto, Kardec não tinha inimigos, senão os que não o conheciam. Seus críticos, que dele não conheceram senão a sua bandeira, procuraram perdê-lo na opinião pública, sem ao menos investigarem se os boatos que espalhavam tinham algum fundamento; porém, ele susteve a sua bandeira tão alto e tão firme, que nenhum descrédito pôde atingi-lo, e a lama com que o queriam cobrir, não enlameou senão as mãos dos panfletários.”

Este é o signo marcante que assinala, inconfundível, os precursores da Verdade, ao lançarem as primeiras sementes em terra sáfara e, por vezes, hostil, certos de que toda idéia renovadora, toda idéia de vanguarda, toda idéia progressista encontra na maioria dos homens, por suas exíguas luzes, imperfeições e presunção de muita ciência, o percalço para sua propagação:

A vida do preclaro mestre Allan Kardec, por tu-

do que se diz, foi um estandarte de luz e os benefícios e a beleza dos seus ensinamentos, na linguagem de Indalício Mendes, “não perderão o viço, a seiva, certo que suas divinas lições doutrinárias continuarão como atalaias indormidas, fanal de esperança e lenitivo da humanidade que sofre e da humanidade que tem fé”.

Abriu-nos o excelso Codificador, de par em par, as portas de ouro de um mundo melhor, levando aos lábios ressequidos do homem “a taça da esperança e da imortalidade”, dessedentando-o; e as verdades oferecidas ao nosso entendimento acordaram nossa sensibilidade interior para sentir algo do amor, da ternura e da sabedoria da imortal mensagem do Cristo.

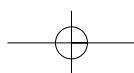
Franqueou-nos, o insigne Codificador do Espiritismo, as veredas da inteligência e do coração para comungarmos com a Natureza inteira.

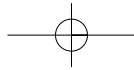
Depois que balbuciamos embevecidos as lições que Allan Kardec colheu nas fontes inexauríveis do Infinito, trazidas até nós na concha de suas mãos, purificadas na ressurreição do trabalho renovador e do testemunho inquebrantável, germinaram em nosso íntimo condições maiores para sentir a imortal mensagem implantada nos ensinamentos do Evangelho de Jesus.

Não tivéssemos um entendimento e um coração tão pobres nas luzes e na gratidão, caro mestre, tentaríamos registrar aqui o testemunho que é possível, em face dos frutos imperecíveis da tua sabedoria e do calor inesgotável de amor que dedicaste às criaturas, libertando as consciências do cárcere escuro da ignorância e do dogmatismo asfixiantes.

“Há os que nascem, vivem e morrem [numa expressão de Paul Gibier], sem nunca lhes preocupar os transcendentais problemas da existência, e essa espécie de indivíduos encontramos entre os doutores, os doutos e os analfabetos.”

Interrogávamos desalentados as aparentes contradições da vida, numa angústia feita de inconformação e anseio de luz, e a nossa sede de entendimento e de justiça encontrou resposta na lei das existências sucessivas, que vulgarizaste, preclaro mestre, como que nos desvendando os olhos da alma; e hoje sabemos por-





que em uns a bondade e em outros a maldade, em uns a sabedoria e em outros a ignorância, em uns o bom senso e em outros a imbecilidade, em uns a dignidade e em outros a indignidade, em uns a humildade e em outros o orgulho, em uns a simplicidade e em outros a vaidade.

O mal, a dor moral ou física, as diferenças sociais não encontram outra explicação, e desafiamos quem o consiga, de maneira a harmonizar-se com o amor e a Justiça Divina, senão através da lei de causa e efeito processando-se ao longo das reencarnações, que nos explicam essas contingências da vida humana, simplesmente, no dizer de Gustave Geley, como “medida da inferioridade dos seres e dos mundos, ou sanções aos erros, abusos e transgressões do passado”.

Diante desse panorama inenarrável, como que se sai ofuscado de uma enxovia, escura e úmida, para respirar a beleza indizível de um dia cheio de sol e de irradiação resplandecente de vida, a desdobrar-se brilhante em pleno amanhecer de uma compreensão nova.

E, hoje, graças a ti inolvidável mestre, sabemos porque se sofre e porque se chora, e diante da dor, por compreender-lhe, agora, o papel no destino dos seres, nos colocamos em atitude de bênção e não de revolta. Bastava só isso, mestre, para que tua presença visível, teu ressurgir entre os homens se reputasse um benefício celeste. Mas, o legado que nos deste é infinitamente maior, pois que religaste o Céu com a Terra, em espírito e verdade, abalando os antropomorfismos com que se tem deformado a idéia de Deus.

A irreverência da enfatuada sabedoria do mundo, honrando-te com a homenagem do seu despeito, subestimando as tuas lides enobrecedoras, a tua serena grandeza, a tua idealidade, a tua sensibilidade, a tua humanidade, e ignorando os tesouros que nos legaste, “será punida pela sua própria vulgaridade e pela incapacidade de conceber o que é divino”.

Enquanto inumeráveis criaturas, mutiladas da fé, “erguem [no dizer de Emmanuel] em basílicas suntuosas, tentando subornar o poder celeste com a grandeza material da oferenda”, sentimos os rumores interiores da correnteza da espiritualidade, em que pese as confusões e incertezas da estrada acidentada

de nossas vacilações, impulsionando, porém, irresistivelmente os germens crescentes da Verdade em nosso íntimo, despertando-nos a consciência ao longo do caminho, nos rumos do futuro para a vida nova, redimida no Cristo; substituindo o sucesso exterior pelo valor íntimo e substancial, a religiosidade rumorosa pelo Evangelho vivido em espírito e verdade.

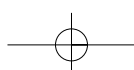
O homem do século, divorciado da realidade, aferrado à transitoriedade das coisas, “domina cada vez mais a paisagem exterior, esquecido de conhecer a si próprio”, como nos adverte uma Entidade espiritual.

Depois que Allan Kardec reuniu – num esforço excepcional de clareza, lógica e rigor, num corpo granítico de doutrina, com assentos profeticamente sublimes, para quem tem “olhos de ver e coração de sentir” – os ensinamentos de vida eterna dos Mentores espirituais da Humanidade, o caminho da libertação das contingências inferiores da vida acha-se aberto a todas as criaturas de boa vontade.

Para que se tenha uma idéia do esforço material de Allan Kardec, a fim de levar a bom termo seu gigantesco trabalho, escrevendo seus livros à mão, o que exigia de sua parte imenso dispêndio de tempo, trabalho e sacrifício, que é possível dimensionarmos, hoje, em face das facilidades que nos oferece a vida moderna, transcrevemos da revista *Reformador*, de outubro de 2004, trecho do artigo “O semeador de esperança”, da autoria da confreira M. Ângela Coelho Mirault, que registra:

“Ele não conheceu o telefone (inventado em 1876 e implantado efetivamente em 1892), nem desfrutou do conforto proporcionado pela luz elétrica (1879), sequer estava aqui quando as primeiras ondas de rádio (1895) fizeram-se ouvir, enchendo o ar de notícias e música, muito menos conheceu o fonógrafo (1877), não podendo, portanto, deleitar-se com a música transportada das salas de espetáculos para os ambientes domésticos. Decerto, não chegou a conhecer a máquina de escrever (1870), nem os benefícios que, certamente, lhe proporcionariam durante a tarefa que tinha a empreender.”

O trabalho da nobre confreira continua, dando-nos uma idéia das dificuldades materiais da época, que Allan Kardec teve de enfrentar, para nos deixar o legado do seu trabalho redentor. ■



PÁGINAS DA *REVUE SPIRITE*

Biografia de Allan Kardec

Sob esse título o *Sétifien* de 20 e 27 de maio publica um artigo sobre a vida do Sr. Allan Kardec, do qual reproduzimos alguns extratos, felizes por reconhecermos que, se na imprensa há alguns órgãos sistematicamente hostis aos nossos princípios, outros há que sabem apreciar e honrar os homens de bem, seja qual for a bandeira filosófica a que pertencam.

Aliás, não é a primeira vez que o Sr. Armand Greslez sustenta abertamente as nossas doutrinas, e não podemos deixar de aproveitar a ocasião para lhe testemunhar toda a nossa gratidão.

“Se fosse preciso, diz ele, procurar um emblema, uma personificação da falsidade e da mentira, não se agiria mal tomando a Musa da História; porque se o homem, em geral, tem o amor e o sentimento do verdadeiro, também é arrastado pelos preconceitos, pelas inclinações e pelos interesses que quase sempre o fazem afastar-se da senda da verdade, quer se trate das coisas ou dos homens.

“Até o momento tem faltado um critério de certo valor às biografias dos falecidos: É o que impede os mortos de declinarem das honras imerecidas ou de repelirem as acusações injustas.

“Não nos surpreendamos, pois, que Allan Kardec não tenha podido escapar desta lei comum. Este destino, mais que outro, ele o experimentou ainda em vida, vítima que

foi de odiosas calúnias e de extravagantes e impudentes difamações. Entretanto, há demonstrações reais de respeito de seus contemporâneos e da posteridade, que não poderiam ser contestadas sem que se cometesse injustiça.

“Primeiramente, ele publicou livros sobre uma doutrina que uns acolheram com indiferença, outros com ódio e desprezo; mas ele previu todas essas tribulações, pois lhe tinham sido reveladas previamente. Deste ponto de vista, deu provas de coragem e de abnegação.

“Jamais reivindicou o título de inventor ou de chefe de escola, pois seu papel se limitou a coligir e a centralizar documentos, escritos fora da sua influência e, por vezes, alheios às suas idéias pessoais. Restringiu-se a acompanhar esses documentos com os seus comentários e reflexões, pondo, em seguida, todos os seus cuidados em os vulgarizar. Para esta tarefa árdua e ingrata ele consagrou unicamente, plenamente, inteiramente, quinze anos de sua existência.

“Lutou contra os adversários, mas sempre com sucesso, porque tinha o bom-senso, a lógica, o conhecimento da verdade, aliados à sabedoria, à prudência, à habilidade e ao talento.

“A morte de Allan Kardec deu ensejo a um verdadeiro sucesso para o Espiritismo. Dentre os discursos que foram pronunciados junto ao seu túmulo, figura em primeira linha o de Camille Flammarion,

que afirmou altiva e publicamente as verdades desta doutrina, explicando-as pelos dados da mais avançada Ciência.

“Para os que o ignoram, devo dizer que Camille Flammarion é um sábio oficial e um escritor de mérito incontestável, perfeitamente colocado na literatura; é uma autoridade que ninguém ousaria recusar. Declarou-se francamente espírita. Agora não é mais permitido tratar os espíritas de tolos ou de impostores, porquanto seria levantar uma acusação contra um homem de grande valor; hoje seria uma presunção ridícula.

“Por isso, os jornais que habitualmente atacavam o Espiritismo de maneira ridícula ou mordaz, se fecharam num prudente silêncio, já que deviam evitar o duplo escolho da retratação ou de uma crítica tornada perigosa pelo poderoso adversário que queriam combater, por mais indireta que fosse.

“Que seria, pois, se todos os que crêem no Espiritismo se dessem a conhecer? Entre os crentes há pessoas de mérito excepcional e que ocupam as mais elevadas posições sociais. Desde que possam fazê-lo, tais pessoas confessarão suas crenças; então os antiespíritas ficarão envergonhados e escaparão por diversos subterfúgios ao embaraço de sua posição.”

Armand Greslez

Fonte: *Revue Spirite (Revista Espírita)* – julho de 1869, p. 292-294, tradução de Evandro Noleto Bezerra – Ed. FEB.

A FEB E O ESPERANTO

Mensagem aos Esperantistas

Danilo Carvalho Villela

O Dr. Renato Corsetti, presidente da Associação Universal de Esperanto (UEA), em sua mensagem de ano novo, dirigida aos esperantistas do mundo inteiro, fez interessantes colocações acerca da comunicação entre pessoas de diferentes nacionalidades, que apresentamos a seguir, de forma resumida.

Ele começa lembrando que os adeptos da Língua Internacional não devem desanimar quando observam a grande maioria disposta a estudar os idiomas dos poderosos do momento, mostrando ceticismo ou até ironia para com o Esperanto. Na verdade o mundo sempre foi assim, o que levou um pensador árabe da Idade Média (Ibn Kaldun) a afirmar que os vencidos sempre desejam se parecer com os vencedores, adotando seus trajes, atitudes, língua, etc., pelo que, na atualidade, é difícil prever qual idioma todos estarão querendo aprender dentro de 10 ou 20 anos. Será este, como pensam alguns, o século da Ásia? – pergunta ele. E responde: não é possível uma resposta categórica, mas vários indícios sugerem que dentro de uma geração (30 anos) o idioma chinês estará em grande evidência e então jornalistas e lingüistas interessados em promovê-lo estarão destacando – como fazem hoje com relação ao inglês – sua simplicidade, clareza, rica literatura, etc. E os esperantistas continuarão repetindo, como sempre o fizeram, que a justiça e não o

poder deve ser o fator determinante no terreno lingüístico como em todos os outros.

A prática atualmente adotada – prossegue o presidente da UEA – de usar apenas determinados idiomas, de países ricos, para o relacionamento internacional é insatisfatória e incompatível com a necessidade de favorecer a compreensão, a paz e a igualdade de direitos entre todos. Nós (os esperantistas)

Organismos internacionais vêm chegando a conclusões que coincidem com o pensamento dos esperantistas

achamos que línguas e culturas, sem exceções, possuem valores que a humanidade não deve perder. Toda pessoa está protegida pela Declaração Universal de Direitos Humanos, adotada pela ONU, contra qualquer tipo de discriminação, inclusive a que tenha por base o idioma. Nenhum órgão, nacional ou internacional, está autorizado a desrespeitar esse princípio pretextando considerações sobre eficácia

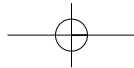
e outras vantagens, e favorecendo, assim, aqueles que melhor dominam determinado idioma por tê-lo como língua materna.

O Dr. Corsetti lembra, ainda, que já há alguns anos organismos internacionais vêm chegando a conclusões que coincidem com o pensamento dos esperantistas, reconhecendo, por exemplo:

- que existem direitos humanos de cunho intrinsecamente lingüístico, particularmente o direito à liberdade de expressão, que é inseparável da livre escolha do idioma;
- que os direitos culturais são parte integrante dos direitos humanos. Por isso todos têm o direito de exprimir-se, bem como de criar e difundir suas obras no idioma de sua preferência, particularmente em sua língua materna.

O Dr. Renato Corsetti, que é professor universitário em Roma, assim conclui sua bela mensagem: “Se tais instâncias começam a ter as mesmas opiniões que nós, possivelmente nossas idéias acerca da justiça nas relações internacionais estão ganhando terreno. Ajudemos nesse processo conforme nossas possibilidades... com a nítida consciência de que nós estamos certos e ao mesmo tempo desfrutemos nossa cultura, de cujo principal valor, a justiça entre os povos, somos os orgulhosos portadores.” ■

Fonte: *SEI* (Serviço Espírita de Informações), nº 1936, p. 3.



Espiritismo na Lituânia, via Esperanto

Ismael de Miranda e Silva

“Filhos, o Senhor nos abençoe.

Efetivamente, as vossas responsabilidades no plano terrestre vos concitam ao trabalho árduo no que se refere à implantação das idéias libertadoras da Doutrina Espírita, que fomos trazidos a servir. Em verdade, nós outros, os amigos desencarnados, até certo ponto, nos erigimos em companheiros da inspiração, mas as realidades objetivas são vossas, enquanto desfrutardes as prerrogativas da encarnação.

Compreendamos, assim, que a vossa tarefa na divulgação do Espiritismo é ação gigantesca, de que vos não será lícito retirar a atenção.”

(Trecho de comunicação de Bezerra de Menezes, intitulada “Divulgação Espírita”, recebida em 6 de dezembro de 1969 pelo médium Francisco Cândido Xavier – Reformador de abril de 1977.)

Há quase um século é das mais efetivas e de resultados sempre positivos a contribuição do esperanto à causa do estudo e difusão do Espiritismo. Sem receio, portanto, de estar cometendo qualquer exagero, podemos afirmar que a contribuição do esperanto ao Espiritismo tem sido crescente.

A melhor prova desta afirmativa está no elevado número de livros espíritas já editados em esperanto, bem como de jornais, revistas, boletins, anuários, além da realização de palestras e conferências proferidas por brasileiros em quase todo o mundo.

A Federação Espírita Brasileira tem promovido, desde 1987, nos congressos internacionais de esperanto, que se realizam anualmente, palestras elucidativas sobre os livros da Codificação Espírita, para um público que varia entre 30 e 250 pessoas. Assim é que já esteve presente em Varsóvia, Rotterdam,

Brighton, Havana, Bergen, Viena, Valência, Seul, Tampere, Praga, Adelaide, Montpellier, Berlim, Tel-Aviv, Zagreb, Fortaleza, Gotemburgo, Pequim, Vilnius, pretendendo, nos próximos dois anos, comparecer aos congressos em Florença e Yokohama.

Em 28 de julho passado, dentro da programação do 90º Congresso Universal de Esperanto (Vilnius, Estônia, de 23 a 30 de julho de 2005), a FEB mais uma vez divulgou o Espiritismo no seio da família esperantista mundial, fazendo realizar uma palestra no Salão Skupas, do Reval Hotel Lietuva. O tema foi em torno do livro *La Genezo* (*A Gênese*, em esperanto), editado pela FEB em versão feita por nosso companheiro Affonso Soares, Diretor de seu Departamento de Esperanto.

A palestra teve a duração de 65 minutos, em duas partes, tendo sido abordados o primeiro e o se-

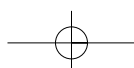
gundo capítulos daquela obra, da qual foram oferecidos gratuitamente 32 exemplares aos congressistas presentes.

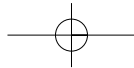
Ao final, na parte destinada a perguntas e respostas, os dois expositores, Robson Mattos e o autor destas notas, contaram com a colaboração da dirigente da organização esperantista “Bona Espero”, de Alto Paraíso de Goiás (GO), Sra. Úrsula Grattapaglia, e do Sr. Augusto Kilk, dirigente de um Grupo Espírita na Estônia, a quem foram oferecidos 8 exemplares de *La Genezo* para a biblioteca de sua instituição.

Dentre as mais diversas perguntas, algumas revelavam total desconhecimento do tema e grande surpresa a respeito do que foi ali exposto, isto é, do verdadeiro caráter da Doutrina Espírita, fato que comprova a necessidade do trabalho de divulgação feito pela FEB.

Por limitação de tempo, as atividades foram encerradas, mas os quatro companheiros acima citados e ainda Cleber Lemos e Giuseppe Grattapaglia permaneceram fora do salão por mais 30 minutos prestando esclarecimentos sobre a Doutrina Espírita e, principalmente, sobre como se apresenta e se desenvolve o Movimento Espírita no Brasil.

Numa palavra, nossas atividades em torno do esperanto e do Espiritismo na bela Vilnius constituíram-se em fecunda sementeira de nobres idéias e ideais, de cuja germinação cuidará o Divino Jardineiro. ■





Falar com amor

Ayilton Paiva

“Incorre em culpa o homem, por estudar os defeitos alheios? Incurrerá em grande culpa, se o fizer para os criticar e divulgar, porque será faltar com a caridade. Se o fizer, para tirar daí proveito, para evitá-los, tal estudo poderá ser-lhe de alguma utilidade. Importa, porém, não esquecer que a indulgência para com os defeitos de outrem é uma das virtudes contidas na caridade.” (Questão 903 de *O Livro dos Espíritos*.)

“Ninguém sendo perfeito, seguir-se-á que ninguém tem o direito de repreender o seu próximo?”

Certamente que não é essa a conclusão a tirar-se, porquanto cada um de vós deve trabalhar pelo progresso de todos e, sobretudo, daqueles cuja tutela vos foi confiada. Mas, por isso mesmo, deveis fazê-lo com moderação, para um fim útil, e não, como as mais das vezes, pelo prazer de denegrir. Neste último caso, a repreensão é uma maldade; no primeiro, é um dever que a caridade manda seja cumprido com todo o cuidado possível.” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. X – Bem-aventurados os que são misericordiosos, item 19.)

Em nossa vida social, que envolve os ambientes familiar e profissional, grupo religioso, momentos de lazer, temos que conviver necessariamente com o próximo.

Jesus nos mandou amar o próximo como a nós mesmos, porém como amaremos o próximo quando ele fala ou tem comportamento que achamos não estar correto, quando analisados pelo princípio do direito e dever a que todos estamos submetidos? Simplesmente silenciar, omitir-se, ainda que as suas palavras ou conduta possam prejudicar o outro?

Observamos, então, que amar o próximo estabelece ações concre-

tas para que possamos ajudá-lo, tanto quanto a nós mesmos.

É necessário saber analisar e exercitar a crítica, e não a maledicência, para amorosamente falar com a pessoa, de forma construtiva.

Nesses momentos em que devemos exercitar a crítica, a Doutrina Espírita e a Psicologia trazem-nos orientações oportunas a fim de que a nossa ação verdadeiramente construa algo de bom e útil para o outro e também para nós.

Com base em onze itens extraídos de um estudo de *Psicologia sobre habilidades sociais cristãs* (referência ao final), podemos associar princípios espíritas a todas as situações em que a crítica for pertinente ou necessária.

Então, tendo em vista o conhecimento do Espiritismo e o

conhecimento da Psicologia com relação à crítica, deve-se, ao

FAZER:

1. **Dirigir-se diretamente** à pessoa.

A análise e as observações que precisamos fazer a respeito de alguém devem ser feitas diretamente a ela, pelo respeito e consideração para com essa pessoa.

Fazer comentários sobre uma pessoa com outra é, na maioria das vezes, dar ensejo à maledicência e cair na famosa “fofoca”, ou seja, comentário que não deseja oferecer algo positivo ao outro, mas denegrir-lo, rebaixá-lo numa tentativa de, falsamente, elevar a própria personalidade.

2. **Referir-se ao comportamento** e não à pessoa.

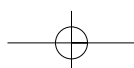
Quando se analisa e se faz uma crítica sobre o erro de uma pessoa, deveremos apontar o erro no seu comportamento e não fazer um julgamento negativo sobre ela.

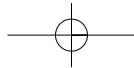
3. **Escolher a ocasião** adequada.

Para que uma crítica seja bem recebida é necessário que a pessoa a quem iremos fazê-la seja respeitada. Precisamos analisar se a ocasião é a melhor. Se não há alguém por perto, a quem não interessa o que vamos dizer. Se a pessoa já não está com o estado emocional alterado por outros problemas ou questões íntimas.

4. **Controlar a emoção.** Crítica não é desabafo.

Por mais que a conduta da pessoa ou o erro que ela cometeu tenha produzido em nós algo de ruim, desde a irritação até a raiva, ao nos diri-





girmos a ela precisamos ter sob controle as nossas emoções, porque ninguém constrói nada de produtivo agredindo, ao utilizar-se da crítica.

5. **Evitar** produzir desconforto excessivo no interlocutor.

Se efetivamente queremos usar a crítica como forma positiva de ajudar, melhorar, aperfeiçoar o outro, deveremos não só ter o controle das emoções, como, também, usar as palavras de forma adequada para esclarecer e orientar.

6. Ao **fazer** a crítica, apresentar um aspecto positivo e, em seguida, falar do comportamento inadequado. Ao final, referir-se a outro comportamento adequado da pessoa.

É muito difícil receber uma crítica com tranqüilidade, por isso, comecemos apresentando à pessoa algo que ela tenha de bom, falando de forma autêntica e verdadeira; em seguida apresentemos a crítica. Quando necessário, para amenizar o impacto emocional produzido, comentemos algo positivo que a pessoa também tem. Ela se tornará mais receptiva à análise feita.

7. Ao **falar**, ser claro e sucinto.

Quando fizermos a crítica, deveremos falar com clareza, com tranqüilidade e prender-nos estritamente ao que necessariamente tenha que ser dito naquele instante.

Ficar com circunlóquios e repetições desnecessárias acaba por irritar o interlocutor, bloqueando a sua possível receptividade.

8. **Evitar** estilo professoral e moralista.

Ao fazer uma crítica nunca deveremos posicionar-nos como se

falássemos de cátedra ou com pretensa superioridade moral ou espiritual.

Considerando-se o erro como elemento inerente às nossas experiências de aprendizagem, ao fazer a crítica não deveremos assumir uma postura de quem não erra nunca e já se sente como um ser perfeito.

Esse comportamento gera uma postura por parte da outra pessoa de defensibilidade e de bloqueio; ainda que a crítica seja procedente ela, mentalmente, já terá assumido um estado mental e emocional de impermeabilidade.

9. **Dar oportunidade** ao outro para se justificar.

O grande avanço nas normas do Direito que regem a elaboração das leis, principalmente na área da punibilidade, foi o estabelecimento do princípio do contraditório. Ninguém pode ser condenado se não tiver o direito de responder às acusações que lhe são imputadas, ou seja, o inarredável direito de defesa.

Da mesma forma, no relacionamento comum, quando surge um fato em que alguém é criticado, ele tem o direito de se justificar e deve ser-lhe dada a oportunidade para tal. Se a sua argumentação justifica ou não a ocorrência, dependerá de nova análise, podendo ser acolhida ou não.

10. **Não permitir** atitudes subservientes.

Como há aquelas pessoas que ao serem criticadas, no sentido de apontar-lhes erros, se irritam ou se enraivecem partindo para o ataque a fim de se defender, outras assumem um comportamento de subserviência, ou seja, de se rebaixar, desconsiderando-se.

Adotam uma postura de “coitadinho inferior”

É preciso mostrar à pessoa o erro cometido e que se deseja apenas a sua reparação, sem que isso fira a sua dignidade e a sua auto-estima.

Às vezes esse comportamento revela uma compreensão autêntica da sua falha, mas exagerado quanto à autocritica, outras vezes, porém, pode manifestar uma manobra para escusar-se de encarar os próprios erros.

11. **Manter** contato visual sem ser intimidatório.

Ao dialogarmos com a pessoa a qual fazemos a crítica, mantenhamos contato visual com ela, sem que ele seja intimidatório ou que a nossa postura revele uma pretensa superioridade.

Que esse contato visual expresse compreensão, clareza e firmeza respeitosa para com a pessoa a quem estamos expressando a nossa crítica.

Finalmente, ao adotarmos o comportamento de fazer a crítica de maneira construtiva e educativa, estaremos atendendo à orientação do Mestre Jesus: “Fazei aos homens tudo o que queirais que eles vos façam, pois é nisto que consistem a lei e os profetas.” (Mateus, 7:12.)

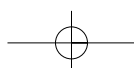
“Tratai todos os homens como quereríeis que eles vos tratassem.” (Lucas, 6:31.) ■

BIBLIOGRAFIA:

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, Parte Terceira, cap. XII, 2005.

_____. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 3. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, cap. X, 2005.

PRETTE, Almir e Zilda. *Habilidades Sociais Cristãs*, 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.



REFORMADOR DE ONTEM

O aborto e a psicologia fetal

Núbor Orlando Facure*

Em recente artigo publicado pelo *Diário do Povo* o Professor J. A. Pinotti defende com equívocos a “normalização” do aborto. Sua visão em defesa da mulher, suas prerrogativas sociais e direitos à saúde, são dignas do reconhecimento de todos nós. Porém, ele parece ignorar totalmente que a maior vítima do aborto será sempre a criança que está por nascer.

Numa análise superficial da evolução recente da Medicina, podemos notar uma seqüência de contribuições importantíssimas ocorridas na área da contracepção, para poder dispor a própria mulher da opção de engravidar ou não.

Do ponto de vista social, a evolução também foi notória. O nível de informação da menina-moça de hoje é quase completo e desinibido. Reduziram-se as pressões sociais contra a mulher solteira que engravida e as relações sexuais que regem o “convívio afetivo” entre pessoas que se afeiçoam estão cada vez mais liberais e criativas. O caminho a percorrer, tanto na área Médica como Social, ainda deverá ser longo, até que toda questão da gravidez “não esperada” seja resolvida. Ain-

*Professor titular de Neurocirurgia da UNICAMP e Diretor do Instituto do Cérebro.

da teremos que redigir o “Estatuto da Criança que está por nascer” e a sociedade deverá compartilhar com a mulher-mãe o compromisso da vida de maneira solidária.

Venho nos últimos anos estudando o “Complexo Cérebro-Mente”, procurando identificar como se processa esta relação entre os fenômenos físicos e sua transformação em respostas ou percepções psicológicas. Parece muito claro que o

Ainda falta muito para aprendermos a avaliar, por exemplo, o conteúdo da consciência, a extensão dos fenômenos intuitivos

cérebro, por si só, não é capaz de justificar toda capacidade da Mente humana e o conhecimento científico é muito limitado para alcançar as razões filosóficas da natureza humana e do seu destino.

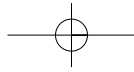
Tenho uma visão espiritualista que me permite identificar a Mente como uma entidade corporificada que instrumentaliza o cérebro para se inserir na realidade física em

que vivemos. A Mente humana tem-se aprimorado dentro do mesmo processo que forçou, pela seleção natural, a evolução das formas físicas dos organismos que vivificam o nosso mundo biológico.

Na semiologia neuropsicológica, frequentemente se confunde a Mente com os nossos processos psicológicos, parecendo que estes às vezes são a causa e não o efeito. A instrumentação neurológica de hoje só nos permite identificar os fenômenos psíquicos através da semiologia grosseira de estímulo-resposta, provocando reações através do cérebro. Ainda falta muito para aprendermos a avaliar, por exemplo, o conteúdo da consciência, a extensão dos fenômenos intuitivos e o grau superlativo das nossas percepções interiores.

Para Freud, o “Aparelho Psíquico” de cada um de nós começa a se estruturar apenas após o nascimento através da atividade motora. O gesto da criança que toca o seio materno vai lhe inspirando segurança e, com os movimentos do corpo, ela vai se relacionando com o meio exterior. A partir daí passa a fazer suas identificações e expor suas inclinações. A Neuropsicologia de hoje está, no entanto, antecipando cada vez mais o aparecimento de expressões do Psiquismo no ser humano.

Bem antes do nascimento, as manifestações de vivências agradáveis ou não da mãe já imprimem na Mente da criança que vai nascer



reações que logo após o parto podem ser semiologicamente confirmadas.

Análises com figuras ou retratos mostrando, por exemplo, o rosto da mãe, podem ser estímulos eficazes para o recém-nascido que, se supõe, pode até distinguir um rosto com um sorriso de outro que expressa seriedade. Estímulos sonoros correspondentes à voz humana também podem ser discriminados pelo recém-nascido, especialmente quando se tratar da voz da sua própria mãe.

Nos congressos de Neuropediatria já estão incluídos (*sic*) em sua temática a apresentação de trabalhos sobre o Psiquismo Fetal. Esta é uma área tão intrigante como foram as revelações sobre o Inconsciente após os estudos de Freud. Antes dele ninguém podia suspeitar de uma ligação materno-infantil tão fortemente ligada à sexualidade, nem se poderia compreender as paixões que o Complexo de Édipo esclareceu. É claro que continuamos com perguntas fundamentais aguardando novas revelações: qual é a essência deste “Psiquismo Fetal”, quando ele se inicia e qual a sua interdependência com os pais. Parece que estão certos os orientais que começam a contar a idade de suas crianças pela data da sua concepção. A confirmação de um “Psiquismo Fetal”, intimamente ligado ao “Psiquismo Materno”, implica em mais um motivo para nossa meditação quando falamos em aborto. ■

(Transcrito de *Folha Espírita*, de julho de 1994.)

Fonte: *Reformador* de novembro de 1994, p. 22(338).

Renascer e remorrer

Usufruímos na Espiritualidade o continente sem limites de onde viemos; no Universo Físico, o mar sem praias em que navegamos de quando em quando, e, na Vida Eterna, o abismo sem fundo em que desfrutamos as magnificências divinas.

No trajeto multimilenário de nossas experiências, aprendemos, entre sucessivos transes de nascimento e desencarnação, a alegria de viver, descobrindo e reconhecendo a necessidade e a compensação do sofrimento, sempre forjado por nossas próprias faltas.

Já renascemos e remorremos milhões de vezes, contraindo e saldando obrigações, assinalando a excelsitude da Providência e o valor inapreciável da humildade, para saber, enfim, que toda revolta humana é absurda e impotente.

Se as lutas do burilamento moral não têm unidade de medida, a ação do amor é infinita na solução de todos os problemas e na medicação de todas as dores.

Tolera com paciência as inevitáveis, mas breves provas de agora, para que te rejubiles depois.

Nos compromissos espirituais, todos encontramos solvibilidade através do esforço próprio. Aproveitemos a bênção da dor na amortização dos débitos seculares que nos ferreteiam as almas, perseverando resignadamente no posto de sentinelas do bem, até que o Senhor mande render-nos com a transformação pela morte.

Sempre trazemos dívidas de lágrimas uns para com os outros.

Vive, assim, em paz com todos, principalmente junto aos irmãos com os quais a tua vida se entrecomunica a cada instante, legando, por testamento e fortuna, atos de amor e exemplos de fé, no fortalecimento dos espíritos de amigos e descendentes.

Se há facilidade para remorrer, há dificuldades para renascer. As portas dos cemitérios jamais se fecham; contudo, as portas da reencarnação só se abrem com a senha do mérito haurido nas edificações incessantes da caridade.

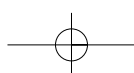
As dores iguais criam os ideais semelhantes.

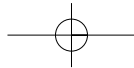
Auxiliemo-nos mutuamente.

O Evangelho – o livro-luz da evolução – é o nosso apoio. Busquemos a Jesus, lembrando-nos de que o lamento maior, o desesperado clamor dos clamores, que poderia ter partido de seus lábios, na potência de mil ecos dolorosos, jamais chegou a existir...

Lins de Vasconcellos

Fonte: XAVIER, Francisco C.; VIEIRA Waldo. *O Espírito da Verdade*. Autores Diversos. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000, cap. 48, p. 117-118.





O amor cobre a multidão de pecados

Antônio Carmo Rubatino

Uma torrente infindável de mágoas e sentimentos contraditórios leva contingentes de seres humanos exaustos a formar um séqüito de sofredores à procura de socorro psiquiátrico ou psicológico, multiplicando o volume das análises e divãs em consultórios e clínicas. Quantitativo crescente de casos aporta aos templos religiosos, num desesperado apelo para a fé como última saída para uma coletânea de ressentimentos, num intrincado labirinto de angústias e depressões.

Em grande parte, é a dificuldade nossa de cada dia de desculpar, de desculpar-se, de começar de novo. Dificuldade que emerge dos relacionamentos diários, tornando a vida uma administração de conflitos – na família, na escola, no trabalho, no trânsito, no lazer. Até na Casa Espírita.

A Ciência vem fazendo importantes constatações na área do comportamento humano, levando pesquisadores a formular conceitos de extrema relevância, capazes de alterar substancialmente a qualidade de vida de indivíduos, famílias e grupos sociais. Revolucionando diagnósticos e substituindo terapias convencionais, conduzindo pacientes a trocar prolongados tratamentos alopáticos por terapias inovadoras, os níveis do conhecimento

indicam a mudança de hábitos como pré-requisito terapêutico à erradicação de males de etiologia complexa. Sem externar crenças, a maioria dos pesquisadores evita revelar convicções religiosas de modo a dar às conclusões caráter de cunho estritamente científico, mas acabam por fornecer subsídios valiosos ao argumento da religiosidade corrente.

Estudiosos de Stanford relataram valiosas observações, levando o cientista Fred Luskin a tratar do assunto com admirável propriedade quando torna pública parte desse importante acervo¹:

“Estudos científicos mostram com clareza que o aprendizado do perdão é bom para a saúde e bem-estar – bom para a saúde mental e, de acordo com dados recentes, bom para a saúde física.

“(…) Definitivamente, o passado é passado.

“(…) A doença cardíaca é a *causa mortis* principal tanto para homens quanto para mulheres.

“(…) a raiva provoca a liberação de substâncias químicas associadas ao *estresse*, que alteram o funcionamento do coração e causam o estreitamento das artérias coronárias e periféricas.

¹ *O Poder do Perdão*, Fred Luskin. Editora Novo Paradigma, cap. 7.

“(…) O perdão é uma experiência complexa, que modifica o nível da autoconfiança, de ações, pensamentos, emoções e sentimentos espirituais de pessoa vítima de afronta. Acredito que aprender a perdoar os sofrimentos e ressentimentos da vida seja um passo importante para nos sentirmos mais esperançosos e conectados espiritualmente, e menos deprimidos.”

Pasma o relato circunstanciado do Dr. Fred Luskin sobre algo que não é estranho ao meio espírita²:

“Imagine que o que você vê em sua mente está sendo visto numa tela de tevê.

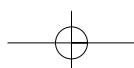
(…) Pelo seu controle remoto você determina o que se apresenta na sua televisão. Imagine agora que cada um tenha um controle remoto para mudar o canal que está vendo na mente.

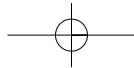
(…) desse ponto de vista, a mágoa pode ser vista como um controle remoto travado no canal da mágoa.”

O raciocínio do cientista faz-nos rememorar a rica literatura advinda através de Chico Xavier, da valiosa colaboração de André Luiz³:

² *Idem, ibidem*, cap. 9

³ *Os Mensageiros* – Francisco C. Xavier, pelo Espírito André Luiz, cap. 23, p. 147, Ed. FEB.





“(...) Estupefato, comecei a divisar formas movimentadas no âmbito da pequena tela sombria. Surgiu uma casa modesta de cidade humilde. Tive a impressão de transpor-lhe a porta. Lá dentro, um quadro horrível e angustioso. Uma senhora de idade madura, demonstrando crueldade impassível no rosto, lutava com um homem embriagado. – ‘Ana! Ana! pelo amor de Deus! não me mates! – dizia ele, súplice, incapaz de defender-se. – ‘Nunca! Nunca te perdorei! (...)’.”

Com toda a sua dinâmica de desvendar o conhecimento a partir de observação repetida e sistemática, a ciência experimental vem ganhando passos importantes na disseminação do saber, dando saltos quantitativos gigantescos, ora muito objetiva e rapidamente, ora muito lenta e gradualmente. E a variante dos novos passos que são dados tem a vontade como mola propulsora. Quando deseja, o homem caminha rápido, muito rápido; quando não, demora-se nas enseadas da vida, às vezes evitando tratar abordagens incômodas ou de futuro incerto, postergando o transcendente para outra instância, receoso de chegar a conclusões embaraçosas, que possam implicar em mudanças importantes nos valores cultuados.

A ciência e a religião tocam-se nas linhas infinitas do tempo.

O Meigo Nazareno já havia recomendado o perdão na sua mensagem consoladora ao colégio apostólico, aos discípulos, e, em todos os conflitos, externava generosidade e compreensão, procurando substituir a ofensa pela desculpa, a intransigência pela tolerância, a mágoa pelo amor. Recomendara a um dileto amigo que desculpasse ilimi-

tadas vezes, como que procurando dizer a ele que o perdão age como medicamento profilático, vacinal, capaz de substituir vincos na frente cerrada e ameaçadora pela amena descontração de um riso relaxante e confortador⁴. Acostumado a observar a infantilidade de conflituosos contemporâneos, desaconselhava o litígio, endereçando as querelas a soluções que esvaziavam as disputas⁵. Como quem quisesse nos dizer que a maioria dos aborrecimentos do dia-a-dia passariam despercebidos, se pudéssemos as mais das vezes dizer ao semelhante que nos desafia:

– Estou errado, enganei-me. Não faria de novo.

Habitados a não reconhecer o próprio erro, sempre empenhamos recursos verbalísticos persuasivos, no afã de evitar a *mea culpa* que deixaria o assunto exaurir-se *de per se*. Opta-se por tentar identificar o erro no semelhante ou descobrir nele a contribuição para a contenda, crendo na sua dissimulação, capaz de aviltar a verdade para esquivar-se de qualquer transgressão.

De Pedro vem observação interessante, que não cogita da contenda, dotada de senso de oportunidade, atualíssima na sociedade em que estamos inseridos, onde o conflito ainda é a via primeira para solucionar questões do dia-a-dia⁶:

(...) tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre a multidão de pecados.

⁴Mateus, 18:21-22.

⁵Mateus, 5:23-24.

⁶I Pedro, 4:8-11.

Sede, mutuamente, hospitaleiros, sem reclamar. Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus supre...

Desculpar não é aceitar o erro que alguém pratica. Mas reconhecer o erro, nosso ou do nosso semelhante, sem se ofender. Sem se magoar. Sem ter que sentir de novo, no dia seguinte, a contrariedade da véspera: portanto, sem se ressentir. É aceitar as pessoas, e a nós mesmos, sem ficarmos presos aos acontecimentos indesejados da vida em sociedade. É admitir que “o passado é passado”, como afirma Fred Luskin. Ou o próprio Emmanuel quando escreveu: “Agora, eis o momento da melhora que procuras. (...) Ontem não mais existe (...)”⁷ ■

AGORA

Agora, eis o momento
Da melhora que buscas.

De nada te lastimes.
Ontem não mais existe.

De tudo o que se foi,
Só a lição perdura.

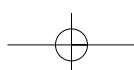
Renova-te e caminha
Sobre o eterno presente.

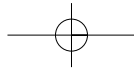
Olha o tronco podado
Lançando ramos novos.

Não pares, segue e serve.
Deus cuidará de ti.

Emmanuel

⁷*Espera Servindo*, pelo Espírito Emmanuel, GEEM.





Caminhos da indução mental

Orson Peter Carrara e Américo Sucena

Há uma ocorrência muito interessante constante no capítulo 4, Primeira Parte do livro *Sexo e Destino*, ditado pelo Espírito André Luiz aos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, em edição da Federação Espírita Brasileira*. O livro integra a chamada *Série André Luiz*. Tal ocorrência leva-nos a refletir sobre o poder e o alcance da indução mental.

Induzir significa causar, inspirar, deduzir, instigar, entre outros conceitos. A *indução*, por sua vez, é ação ou efeito de induzir, *consequência tirada dos fatos que se examinam* (grifos deste autor).

No capítulo acima citado, do importante livro, o autor espiritual comenta o caso de uma mulher de nome Beatriz, com doença terminal. O Espírito André Luiz está acompanhado do Espírito Pedro Neves, que fora pai da personagem Beatriz. Ocorre que Nemésio, marido de Beatriz e, portanto, genro de Neves (já desencarnado), convidou Marina (colega de trabalho, com quem mantém caso extracônjugal clandestino) para cuidar da esposa Beatriz. Nemésio aguarda ansioso a desencarnação da esposa para ficar com Marina, livrando-se dos processos burocráticos do divórcio.

*Utilizamos na presente transcrição a 8ª edição, de outubro de 1981, páginas 32 a 39.

E é neste ponto que entra nossa reflexão. Num momento de visita à enferma, após avaliação do quadro clínico, Marina e o marido de Beatriz retiram-se para cômodo ao lado e a simples suposição do que poderia acontecer ao casal ou eles poderiam fazer sem conhecimento da esposa doente, faz com que o casal registre situações maliciosas, mentalmente. André e Neves, este abatido com a traição sofrida pela filha encarnada, percebem, desapontados, que ajudaram a induzir aqueles pensamentos.

Transcrevemos parcialmente os trechos específicos do capítulo em questão:

“Ele e ela comunicavam-se, entre si, as mais ternas expansões de encantamento recíproco, sem ser dissoluto, e pareciam aderir, automaticamente, às impressões que esboçávamos, de vez que acompanhávamos os mínimos gestos dos dois, com aguçada observação, prejudgando-lhes os desígnios com o fundo de nossas próprias experiências inferiores já superadas.

(...) vimo-nos obrigados a reconhecer que a nossa expectativa maliciosa, aliada ao espírito de censura, estabelecia correntes mentais estimulantes da turvação psíquica de que ambos se viam acometidos, correntes essas que, partindo de nós na direção deles, como que lhes agravavam o apetite sensual.”

A observação de André consta-

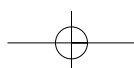
ta também que Neves (o pai desencarnado da enferma Beatriz), contrariado com a atitude do genro infiel, *“(...) se me afigurava agora um homem positivamente vulgar da Terra, que a revolta azedava. Sobrececho crispado alterava-lhe a feição no desequilíbrio vibratório que precede as grandes crises de violência.”*

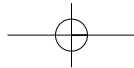
Porém, a chegada inesperada de um Benfeitor espiritual alterou o quadro e novamente se fez notar a questão da indução mental. Félix, o amigo recém-chegado, causou uma alteração expressiva no quadro do casal que se envolvia nos braços da paixão descontrolada. Deixemos que a transcrição parcial do livro nos faça tirar as lições que o tema nos proporciona:

“Nemésio e Marina transferiram-se, de repente, a novo campo de espírito.

Confirmei a impressão de que a nossa curiosidade enfermeira e a revolta que dominava Neves até então haviam funcionado ali por estímulos ao magnetismo animal a que se ajustavam os dois enamorados, que nem de leve desconfiavam da minuciosa observação a que se viam sujeitos, porquanto bastou que o irmão Félix lhes dirigisse compassivo olhar para que se modificassem, incontinenti.

A visão de Beatriz enferma cortou-lhes o espaço mental, à feição de um raio. Esmoreceram-se-lhes os estos de paixão.





.....
E não era só isso. Não podia auscultar o mundo íntimo de Neves; contudo, de minha parte, súbita compreensão me inundou a alma.

‘E se eu estivesse no lugar de Nemésio? Estaria agindo melhor?’ (...).

Fitei o atribulado chefe da casa, possuído de novos sentimentos, percebendo nele um verdadeiro irmão que me cabia entender e respeitar.

Embora confessando a mim mesmo, com indisfarçável remorso, a impropriedade da atitude que assumira, momentos antes, prossegui estudando a metamorfose espiritual que se processava.”

Observamos, pois, dois casos de indução mental. A primeira que conduziu ao apetite sensual, pelas conclusões mentais prévias dos Espíritos André e Neves, que observavam o casal, e a segunda alterando completamente o quadro vivido pelo casal com a indução superior que recordou a enferma necessitada de cuidados. Repetimos a frase do livro: *A visão de Beatriz enferma cortou-lhes o espaço mental, à feição de um raio. Esmoreceram-se-lhes os estos de paixão.*

A direção, pois, do pensamento é de grande poder e alcance. Tanto para os prejuízos e benefícios internos próprios do autor, como para mentes invigilantes que se deixam conduzir.

O assunto é abrangente e pode ser pesquisado especialmente através das questões 459, 460, 467, 469, 470 e 472 de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. A primeira delas, sempre muito citada, na resposta dos Espíritos, informa que os Espíritos *influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem*

(na questão da influência sobre nossos atos e pensamentos). Já na questão 467 há a preciosa informação de que tais Espíritos (refere-se aos que procuram arrastar ao mal) *só se apegam aos que, pelos seus desejos, os chamam, ou aos que, pelos seus pensamentos, os atraem.*

Todavia, é na questão 472 que os Espíritos (indagados se as circunstâncias são criadas ou se delas se aproveitam para atrair-nos ao mal) informam: *‘Aproveitam as circunstâncias correntes, mas também costumam criá-las, impelindo-vos, mau grado vosso, para aquilo que cobiçais.’*

O desafio está, pois, na direção do pensamento que nos permitimos levar. Muitos pensamentos são sugeridos, outros captados das ondas mentais que nos envolvem e muitos outros advêm, é óbvio, dos sentimentos que nós mesmos alimentamos.

Na observação e análise, verbais ou mentais, de fatos e circunstâncias que presenciemos ou não, tenhamos igualmente o cuidado da direção de nossas conclusões e induções que instigamos, pois igualmente aí está presente a responsabilidade dos próprios caminhos e a lei de causa e efeito.

Nossas palavras e pensamentos podem gerar aflições e autênticas tragédias; igualmente podem estimular progresso e felicidade. Depende da direção que imprimirmos. E como o foco da presente abordagem é a indução mental, a lição trazida por André Luiz sugere pensar seriamente na questão. ■

Nota: A presente matéria é resultado de pesquisa e indicação de Américo Sucena e elaboração textual de Orson Peter Carrara.

Os passeios da luz

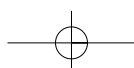
Paulo Nunes Batista

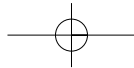
Literalmente: a luz passa e passeia nas calçadas do mundo, nas calçadas das ruas e avenidas asfaltadas; nos caminhos de terra, pedra ou areia.

A luz na asa lucífera clareia as vias de águas doces e salgadas; deixa as coisas da vida iluminadas, sorrindo em tudo; assim, de graça cheia.

A luz, dançando em trilhos e veredas, a embelezar o chão das alamedas, nessa pletora de felicidade.

Em canções irisadas, canta e passa, ungida toda da divina graça de ser espelho de felicidade.





Espiritismo: Ciência, Filosofia e Religião

Marcus Vinícius Pinto

Todo ser humano, em sua trajetória na vida terrena, vive cercado por vários elementos, por vários fenômenos, pela necessidade de compreender a vida, a morte, Deus, o Universo e as leis que regem tudo que existe. Para conhecer tudo isso homens dotados de espírito inquiridor lançam-se à necessária investigação, formando os vários ramos do conhecimento humano. Ninguém consegue atingir a verdade absoluta e, sim, a verdade parcial que está apto a alcançar. À medida que o ser humano amadurece, ao longo do tempo, cresce a fração de verdade que pode absorver e assimilar. O Espiritismo é a doutrina que na atualidade abrange, em feliz síntese, os três grandes ramos de conhecimento: Ciência, Filosofia e Religião.

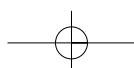
Ciência: Muitas verdades, deduzidas pela demonstração e concatenadas entre si, formando um sistema, eis a Ciência. Constitui, em última análise, uma soma de conhecimentos, ordenados e lógicos. O Espiritismo se encaixa nesta definição, visto utilizar o método experimental (*O Livro dos Médiuns*) da mesma forma que as ciências positivas. Como ciência prática tem sua essência nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos. Pro-

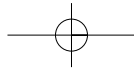
va-nos a existência, sobrevivência e a imortalidade do Espírito, seu objeto de estudo. O objeto da Ciência é tudo o que ela abrange, tudo o que examina, tudo quanto constitui motivação para sua pesquisa. Assim, na Ciência Espírita, o objeto é o Espírito. Kardec assim definiu o Espiritismo: “É uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”. Ciência Experimental que analisa, observa, compara e deduz as conseqüências, remontando dos efeitos às causas, sem teorias preconcebidas. Alcança seus resultados através da dedução e do encadeamento lógico dos fatos.

O caráter filosófico do Espiritismo está no estudo que faz do homem, sobretudo do Espírito, de seus problemas, de sua origem e de sua destinação

Filosofia: A Filosofia é a ciência geral dos princípios e valores gerais da existência, da conduta e do destino do homem. Filosofar seria meditar, estudar; procurar as causas e as conseqüências dos fatos; buscar sabedoria. Tal é o objetivo essencial da Doutrina Espírita, Filosofia Espiritualista por excelência. O caráter filosófico do Espiritismo está no estudo que faz do homem, sobretudo do Espírito, de seus problemas, de sua origem e de sua destinação. Demonstra a existência, inquestionável, de algo que tudo cria e tudo comanda inteligentemente – Deus. Definindo as responsabilidades do Espírito, quando encarnado (alma) e também do desencarnado, o Espiritismo é filosofia, uma regra moral de vida e comportamento para os seres da Criação, dotados de sentimento, razão e consciência. Como ser moral, consciente, o homem tem liberdade com responsabilidade e é isso que a filosofia espírita lhe mostra com clareza, à luz da doutrina das existências sucessivas (reencarnação), do carma e do livre-arbítrio, demonstrando-lhe que a vida é eterna e que ele deve fazer dessa vida uma permanente fonte de ventura e felicidade, pela obediência às leis que regem toda a Criação.

Religião: Sempre se considerou religião como o culto instituído e





formal, com seu templo ou igreja, suas imagens, seu ritual, sua hierarquia sacerdotal, seus dogmas, mitos e credences. Neste sentido, o Espiritismo não é religião, ou seja, não é religião institucionalizada, porque não visa satisfazer apenas os sentidos físicos e os sentimentos superficiais da criatura, mas, sim, às necessidades íntimas da alma em relação ao seu Criador. Procura despertar a consciência dos homens para Deus e a realidade do Espírito imortal; mostra a responsabilidade de cada um, por sua posição e atitude na vida, dando a todos o entendimento amplo, mas simples, das leis naturais e divinas, que presidem à evolução. O Espiritismo é,

portanto, a religião natural e científica, da fé raciocinada, sem misticismos e segredos iniciáticos, uma forma integral e consciente de conduta humana diante de Deus. O Espiritismo veio, a seu tempo, para explicar a todos o mecanismo do bem e do mal e revelar tudo aquilo que o Mestre Jesus não ensinara, por falta de maturidade das criaturas. Tudo isto está explanado na obra *O Evangelho segundo o Espiritismo*, a qual coloca o aspecto religioso como o ponto relevante da Doutrina Espírita, resgatando, em sua pureza, o ensino moral do Cristo. “Deus é Espírito e em espírito e verdade é que o devem adorar os que o adoram” Jesus. (João, 4:24.) ■

Não nos parece lúcido que estejamos apresentando uma Doutrina de redenção para o mundo e nos mantenhamos amedrontados frente ao estado de violência e de viciação da atualidade.

O que estamos operando para suplantar a onda violenta e a perturbação provocada pelas dependências químicas? Indaguemo-nos sempre.

Que orientações, que acompanhamentos, que propostas, que tarefas, enfim, estamos encetando junto às massas, junto às famílias, junto aos indivíduos, para fortalecer-los, encorajá-los, permitindo-lhes ver valores em si mesmos, sem qualquer necessidade de fugas por quaisquer meios utilizáveis?

Por que o temor de sair às ruas, de falar às pessoas em francos processos de obsessões? Por que não nos dirigir aos companheiros que se encontram atados aos postes tormentosos da prostituição?

Os tempos nos exigem, agora, uma postura ativa, cristã-espírita e intensamente vibrante, para que atendamos ao bem geral.

Esse é um momento de nova convocação, de nova clarinada, não nos esqueçamos.

Estejamos atentos e unidos, para o atendimento do insistente chamado, fixados no vero ideal espírita, certos de que o nosso destino é o da ventura, o da alegria e da paz, após os deveres cumpridos e superada a luta, com fidelidade.

Djalma Montenegro de Farias

(Mensagem psicografada pelo médium José Raul Teixeira, em 7/11/1997, durante a reunião do Conselho Federativo Nacional da FEB, em Brasília-DF, transcrito de *Reformador* de fevereiro de 1998, p. 57.)

Nova Clarinada

Os tempos, de fato, são chegados. Sobre o orbe estão todas as dificuldades, todas as tormentas, todas as lutas e agruras, mas, também, todas as oportunidades de renovação para a criatura.

Desde o gesto de ternura ao crime estapafúrdio; da poesia formosa à pornografia aviltante; da dignidade sublime ao despautério torpe; eis os quadros encontrados na presente experiência da Terra.

Somos chamados à liça. Somos convocados à luta. Somos convidados às reconstruções necessárias.

Os dias atuais são formidáveis ocasiões para que cada um *de per se* possa dar-se conta do nível das próprias responsabilidades no cenário humano, do que lhe compete, realmente, na esfera dos compromissos para com a vida.

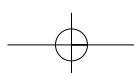
O que não deve tornar-se conduta comum dos que se afinam com as propostas do Cristo é a peregrina justificativa de impossibilidades e de impotências.

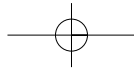
“Tudo é possível àquele que crê”, consoante os escritos do Evangelista Marcos.

O tempo que urge impele-nos às realizações felizes, sejam os que se acham nas pelejas do mundo carnal, bem como os que já ultrapassamos as cortinas de cinzas da morte física.

Os tempos são chegados, vale repeti-lo. Mas, são chegados, exatamente, para que empreendamos, sob o norteamento da Doutrina Imortal, as tarefas improcrastináveis para a renovação da alma imortal.

Se nos empenharmos, com todas as veras, lograremos conquistas de excelência nos territórios do espírito.





A cura do cego de nascença

Severino Barbosa

Quase sempre acompanhado dos discípulos, Jesus comparecia às sinagogas aos sábados, a fim de participar dos diálogos com os fariseus, sobre temas que envolvem o Cristianismo e o Judaísmo, religião oficial dos judeus.

Ao passar por uma localidade, sua atenção foi despertada pela presença de um homem cego de nascença. (João, 9:1-7.) Os discípulos, ansiosos por esclarecimentos do seu dileto Mestre, perguntaram-lhe quem havia pecado para que o homem nascesse cego: se ele ou seus pais.

Percebendo a sede de saber dos companheiros de apostolado, Jesus respondeu que nem foi o homem nem seus pais que pecaram, mas que através da cegueira fosse testemunhada a obra de Deus diante dos homens.

Após a resposta, o Senhor fez uma mistura de saliva com terra, e passou-a nos olhos do cego, recomendando-lhe: “Vai lavar-te no tanque de Siloé.” O cego atendeu ao pedido e retornou completamente curado.

Embora desconhecendo o mecanismo da Lei de Causa e Efeito, a indagação dos discípulos sobre os motivos da cegueira do homem teve cabimento. Certamente desejariam saber se o israelita curado

reencarnou cego por expiação, para resgatar uma dívida de existência passada, ou por provação para seus pais. Não foi uma coisa nem outra. Foi tão-somente uma modesta missão. É que ele, antes de renascer, como Espírito assumiu o compromisso de voltar privado da visão a fim de, diante do povo incrédulo, dar o testemunho de que realmente Jesus era o Messias anunciado pelos profetas do Antigo Testamento.

Jesus, de sua parte, que dispunha de ilimitados poderes sobre os fluidos terapêuticos, poderia ter realizado a cura sem misturar saliva com terra. Contudo, fez uso desse meio para complementar o testemunho e causar forte impressão no espírito do povo e, ainda assim, pediu que o homem fosse se lavar no tanque de Siloé, ou seja, do Enviado. E o Enviado não era outro senão o próprio Cristo.

A terapia fluídica aplicada por Jesus, que restabeleceu a visão do cego, fato que hoje as religiões tradicionais interpretam como milagre, causou escândalo perante o Judaísmo. Tanto que ele foi levado à presença das autoridades do Sinédrio, que o interrogaram detalhadamente. E ante os representantes do farisaísmo, o moço não negou. Ao contrário, confirmou a cura com simplicidade e estóica firmeza.

Indignados com a narração do fato, que era evidente, os fariseus alegaram que Jesus não era o Enviado

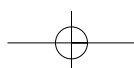
por Deus, porque fez a cura em dia de sábado, contrariando as leis de Moisés. Logo, porque guardavam o sábado com excesso de rigor, concluíram que o Messias não passava de desprezível embusteiro.

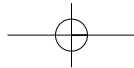
Assim, envenenados pelo fanatismo religioso e inconformados com o testemunho do ex-cego, ordenaram que viessem os pais do moço e os interrogaram nos mesmos termos. Com receio de que fossem expulsos do templo, por causa do filho, confirmaram a cura externando certa vacilação, pedindo que os fariseus perguntassem ao próprio moço, pois este já tinha bastante idade para responder pelos seus atos.

Nova intimação foi enviada ao homem curado. Ante as autoridades, que o pressionaram a negar a cura em público, ele não o fez, confirmando-a mais uma vez. E teve a intrepidez de dizer alto e em bom som: “Se o Enviado é pecador, não sei; de uma coisa estou certo: eu era cego, e agora vejo.”

Segundo João, o evangelista (9:1-34), o fato causou um impacto tão forte, mas tão forte mesmo, que o moço foi expulso do templo.

Os discípulos levaram o ocorrido ao conhecimento de Jesus, que, com extremada solidariedade, confortou a todos e aproximou-se particularmente do moço e fez-lhe estas perguntas: “Crês tu no Filho do homem? – Quem é Ele, Senhor, para que eu nele creia? – Já o viste





e é ele quem fala contigo.” Respondeu o moço: “Creio, Senhor. E o adorei.” (João, 9:35-38.)

Jesus, concluindo seus esclarecimentos ao moço ex-cego, fez-lhe esta revelação: “Eu vim a este mundo para um juízo, a fim de que os que não vêem, vejam, e os que vêem, se tornem cegos.” (João, 9:39-40.) O Cristianismo veio trazer a luz para os simples de espírito, os humildes, os dóceis, os ignorantes de boa-fé. Mas, também, para confundir os sábios vaidosos e orgulhosos que, apoiados em sua fal-

sa sabedoria, como os fariseus de outrora, condenam o que não compreendem.

Assim, tendo em vista que os acontecimentos podem repetir-se através dos tempos, as condenações e perseguições ocorridas naquela época contra os seguidores da Boa Nova repetem-se na atualidade em relação ao Espiritismo e aos fenômenos por ele explicados com toda clareza.

O farisaísmo continua, infelizmente, vivo e pulsante, desta feita com nova roupagem de falsas inter-

pretações, negando sistematicamente as evidências dos fatos. ■

Retificando...

No artigo “Renovar o homem para transformar a Terra”, de Robinson Soares Pereira (*Reformador* de julho/05, p. 39, quarto parágrafo), onde se lê (...) *na sua maior pureza, já não são mais capazes de perturbar (...)*, leia-se: (...) *na sua maior pureza, as injunções do mundo já não são mais capazes de perturbar (...)*.

Dentro da própria casa

Abastado fazendeiro fluminense, de idéias espíritas, vinha do sítio à cidade, a fim de entender-se com o Juiz de Menores sobre o comportamento reprovável de um filho. O jovem de catorze anos fizera-se malfeitor. A princípio, subtraía valores em casa. Em seguida, passou a escandalizar parentes. Supunham-no enfermo. Levado ao facultativo, recebeu conselho, medicação.

Ainda assim, não se emendou. A pequena mão leve preocupava.

Por último, era apontado como sendo o autor do desaparecimento de grande soma de residência vizinha. O pai, aflito, marcara encontro com a autoridade e, de passagem por Nilópolis, parou num posto de gasolina. Um companheiro reconheceu-o. Abraços. E, de imediato, a roda de amigos. Assunto vai, assunto vem.

José Luís do Espírito Santo, ferroviário espírita, humilde e abnegado, está no círculo. Ouve a conversa com discrição. De quando em quando, atende a esse ou àquele necessitado. É um coração materno a rogar auxílio. Um velhinho a pedir café. Um doente que lhe apresenta o semblante triste. Essa ou aquela criança tentando amparo. O dinheiro é

pouco, mas José Luís saca do bolso, sem exauri-lo. Para cada um tem o auxílio como resposta.

A certa altura, o fazendeiro itinerante observa, conselheiral:

– Meu amigo, tenho muita simpatia pela Doutrina Espírita, mas creio que o exagero da caridade é um abuso. Ajudar a torto e a direito é criar vadios.

O ferroviário esboçou o gesto de quem fora surpreendido em falta e justificou-se:

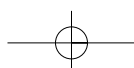
– Dou coisa alguma, doutor. Um homem, como eu, conta apenas migalhas. De fato, o senhor tem razão. É possível que a gente ajudando possa, aqui e ali, ver surgir vadios. Mas sempre noto que a gente, acumulando muitos bens sem proveito, faz também os ladrões.

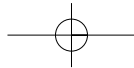
E sem saber que tocava fundo na chaga do homem:

– E às vezes fazemos ladrões dentro da própria casa.

Hilário Silva

Fonte: XAVIER, Francisco C.; VIEIRA Waldo. *A Vida Escreve*. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, Segunda Parte, cap. 3, p. 131-132.





Espiritismo — 148 anos

André Luís Anciães dos Santos

Foi num mês de abril, mais exatamente no dia 18 de abril de 1857, que Allan Kardec lançou a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*. Era a obra inicial da Codificação da Doutrina Espírita, que conta ainda com *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865) e *A Gênese* (1868), todos organizados e comentados por este incansável trabalhador da seara do Cristo.

Neste ano de 2005 a Doutrina Espírita completa, portanto, 148 anos. Apesar disso, ainda é muito grande a desinformação e as dúvidas sobre o que é o Espiritismo, mesmo entre os que mais deveriam saber sobre ele: os espíritas. Quase todos os dias vemos pessoas falando de “espiritismo kardecista”, “kardecismo”, “espiritismo de mesa”, de “mesa branca”, “centro de mesa”... Os próprios espíritas muitas vezes se referem à sua religião como “kardecista”, esquecendo-se de que Kardec, apesar do enorme mérito e do hercúleo trabalho na organização da Codificação, não a criou. A Doutrina é dos Espíritos, não de Kardec. Logo, não existe Kardecismo, e sim Espiritismo.

Muito desta confusão provém

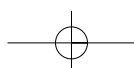
do preconceito com que determinados setores da sociedade, em especial irmãos de algumas outras religiões, tratam as doutrinas espiritualistas em geral, e o Espiritismo em particular. Os espíritas, muitas vezes, se sentem na necessidade de esclarecer que não utilizam tambores, rituais, velas ou despachos para diferenciar-se dos irmãos que frequentam centros de Umbanda ou de Candomblé. Com isso, acabam colocando apêndices no nome de sua própria doutrina (como os já citados “espiritismo kardecista”, “de mesa”, etc), além de denotarem, eles próprios, preconceito para com estes irmãos que professam sua fé de acordo com o seu entendimento. E até mesmo estes próprios companheiros espiritualistas, talvez sem saber que incorrem em erro, utilizam muitas vezes a denominação “Centro Espírita” para se referir às suas casas religiosas (não espíritas), sem perceberem que com isso fortalecem o preconceito contra eles próprios.

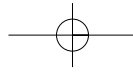
O primeiro passo para que se possa entender o que é o Espiritismo é exatamente ler a Codificação Espírita. E no primeiro parágrafo da “Introdução” da primeira obra da Doutrina, *O Livro dos Espíritos*¹, Kardec esclarece:

¹KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 76. ed. Ed. FEB.

“Para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulos espiritual, espiritualista, espiritualismo têm aceção bem definida. Dar-lhes outra, para aplicá-los à doutrina dos Espíritos, fora multiplicar as causas já numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo espiritualismo a aceção que lhe é própria. Diremos, pois, que a doutrina espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os espiritistas.”

Vemos, assim, que quem criou o termo “Espiritismo” foi Kardec para, como ele mesmo disse, “usar





uma nova palavra para designar uma coisa nova”. As religiões antes existentes, e que por sua vez acreditavam na vida após a morte, na reencarnação, na comunicabilidade, eram doutrinas **espiritualistas**, mas não **espíritas**. Desta maneira vemos que a Umbanda, o Candomblé, as religiões africanas ou afro-brasileiras, assim como linhas de pensamento orientais como o Budismo possuem muitos pontos de contato com o Espiritismo, mas **não são espíritas**. Da mesma forma que o Espiritismo, por ser cristão, tem muitos pontos de contato com o Catolicismo ou o Protestantismo, mas não é católico ou protestante. Isso fica muito claro num trecho da página na Internet da Federação Espírita Brasileira, onde se lê:²

“O Espiritismo não tem sacerdotes e não adota e nem usa em suas reuniões e em suas práticas: altares, imagens, andores, velas, procissões, sacramentos, concessões de indulgência, paramentos, bebidas alcoólicas ou alucinógenas, incenso, fumo, talismãs, amuletos, horóscopos, cartomancia, pirâmides, cristais ou quaisquer outros objetos, rituais ou formas de culto exterior.”

É importante ressaltar que não se trata de preconceito contra as religiões que se utilizam de tais métodos, mas unicamente de definir o que é o Espiritismo. Na mesma página da FEB, em conformidade com o que os Espíritos nos disseram, podemos encontrar a seguinte afirmação:

“O Espiritismo respeita todas as religiões e doutrinas, valoriza todos os esforços para a prática do bem e trabalha pela confraterniza-

ção e pela paz entre todos os povos e entre todos os homens, independentemente de sua raça, cor, nacionalidade, crença, nível cultural ou social. Reconhece, ainda, que ‘o verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza.’”

É necessário que nós, espíritas, saibamos que “Espiritismo” é o nome dado por Kardec para a Doutrina trazida pelos Espíritos e codificada por ele. É importante, ainda, que esclareçamos os irmãos de outras religiões que porventura não saibam a diferença entre Espiritismo e Espiritualismo, sempre com carinho e sem tomar uma posição defensiva, mas sim com o propósito de orientar aos que desejarem tal orientação – lembrando sempre que caberá a ele absorver ou não a infor-

mação. Finalmente, é fundamental que não alimentemos preconceitos ou façamos qualquer comentário desrespeitoso com relação a outras religiões, entendendo que cada uma delas tem sua função em nosso planeta. Afinal, como desejar que não exista preconceito contra o Espiritismo se nós formos preconceituosos com outras religiões?

Por fim, lembramos que mais ainda do que qualquer outra pessoa, o espírita tem a enorme responsabilidade de auxiliar não só a transformação do Planeta, mas também a divulgação e o correto entendimento do que é Espiritismo, para que, no futuro, possamos ver diminuídas ou mesmo extintas as dúvidas que hoje, 148 anos depois, ainda existem sobre a Doutrina Espírita. ■

O Espiritismo e a Moral do Cristo

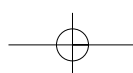
Perguntam algumas pessoas: Ensinam os Espíritos qualquer moral nova, qualquer coisa superior ao que disse o Cristo? Se a moral deles não é senão a do Evangelho, de que serve o Espiritismo? Este raciocínio se assemelha notavelmente ao do califa Omar, com relação à biblioteca de Alexandria: “Se ela não contém, dizia ele, mais do que o que está no Alcorão, é inútil. Logo deve ser queimada. Se contém coisa diversa, é nociva. Logo, também deve ser queimada.”

Não, o Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus. Mas, perguntamos, por nossa vez: Antes que viesse o Cristo, não tinham os homens a lei dada por Deus a Moisés? A doutrina do Cristo não se acha contida no Decálogo? Dir-se-á, por isso, que a moral de Jesus era inútil? Perguntaremos, ainda, aos que negam utilidade à moral espírita: Por que tão pouco praticada é a do Cristo? E por que, exatamente os que com justiça lhe proclamam a sublimidade, são os primeiros a violar-lhe o preceito capital: *o da caridade universal*? Os Espíritos vêm não só confirmá-la, mas também mostrar-nos a sua utilidade prática. Tornam inteligíveis e patentes verdades que haviam sido ensinadas sob a forma alegórica. E, justamente com a moral, trazem-nos a definição dos mais abstratos problemas da psicologia.

Allan Kardec

Fonte: *O Livro dos Espíritos*. 86. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, Conclusão, item VIII, p. 549-550.

²<http://www.febnet.org.br/apresentação/1,0,0,29,0,0.html>



SEARA ESPÍRITA

R. G. do Sul: Encontro Estadual Espírita

A Federação Espírita do Rio Grande do Sul realiza em 8 de outubro, no Instituto Espírita Amigo Germano (Rua Santana, 1225 – Porto Alegre), o 5º Encontro Estadual Espírita do Rio Grande do Sul, cujo objetivo é: Adequação do Centro Espírita a uma visão contemporânea. O evento desenvolve-se em cinco módulos: I – A Gestão do Centro Espírita; II – O Centro Espírita e a Educação; III – Práticas Espíritas; IV – Convivência Social; V – Comprometimento com a Causa. Participação especial: Prof. Jerri Roberto Santos, autor do livro *A Filosofia da Convivência*; Dr. Sérgio Lopes, psiquiatra; e Prof. Jason de Camargo, Presidente da FERGS.

Rio de Janeiro: Confraternização Espírita

O Conselho Estadual Espírita de Unificação do Movimento Espírita do Estado do Rio de Janeiro (CEEU) realizará, de 9 a 11 de dezembro próximo, no Riocentro, a XVII Confraternização Espírita do Estado do Rio de Janeiro (CEERJ), em homenagem ao Bicentário de Nascimento de Allan Kardec. O Encontro é promovido pela União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (USEERJ), com o apoio do CEEU, e destina-se a dirigentes e trabalhadores do Conselho e das instituições espíritas do Estado.

Portugal: Congresso Espírita

O V Congresso Nacional de Espiritismo, promovido pela Federação Espírita Portuguesa e sob a coordenação da União Espírita do Algarve, ocorre no período de 29 a 31 de outubro corrente em Faro, no Conservatório Nacional do Algarve, com o tema *Divulgação Espírita – Novas Tecnologias e Inovação*. Para informações e inscrição: telefone 289 396 505; fax 289 396 506; e-mail luzeterna@clix.pt

Bahia: Congresso Espírita

A Federação Espírita do Estado da Bahia promove no período de 27 a 30 deste mês o XII Congresso Espírita da Bahia, em Salvador, no Centro de Convenções da Bahia. Com o tema central *O Ser e a Imortalidade – Visão Contemporânea do Céu e do Inferno*, marca a passagem dos 140 anos do livro *O Céu e o Infer-*

no, de Allan Kardec, dos 90 anos da FEEB e dos 140 anos do primeiro núcleo espírita do Brasil, o Grupo Familiar do Espiritismo, fundado na Bahia, em 1865, por Luís Olímpio Teles de Menezes. Mais de uma dezena de expositores desenvolverão os subtemas do programa, dentre os quais José Raul Teixeira (RJ), Heloísa Pires (SP), Alberto Ribeiro de Almeida (PA), Divaldo Pereira Franco (em vídeo) e Alírio Cerqueira Filho (MT).

Minas Gerais: Comunicação Social Espírita

A União Espírita Mineira realizou na sua sede, em Belo Horizonte, no dia 6 de agosto, o III Encontro de Comunicação Social Espírita, dentro da proposta de integração das várias frentes de trabalho da atual Administração – Diretoria, Conselhos de Administração e Fiscal, além de dirigentes de reuniões, departamentos e setores. O evento foi coordenado por Merhy Seba, Assessor de Comunicação Social das Comissões Regionais do Conselho Federativo Nacional.

Espanha: Jornada Espírita

A Associação Espírita Andaluza Amalia Domingo Soler, promove em Balmadera (Málaga), de 30 de setembro a 1º de outubro, a quinta edição das Jornadas Andaluzas de Espiritismo, com o tema central *O Espiritismo e o Mundo Contemporâneo*.

Belo Horizonte (MG): Semana Universitária Espírita

Realizou-se no salão nobre da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, de 1º a 5 de agosto, a 5ª Semana Universitária Espírita, com o tema central *Os valores humanos na Medicina e na Saúde*, coordenado por: Alberto Ribeiro de Almeida, psicoterapeuta transpessoal; Osvaldo Hely Moreira, cardiologista; Roberto Lúcio Vieira da Costa, psiquiatra; Gilson Freire e Lenice Aparecida, médicos homeopatas; além de outros.

Bolívia: Semana Espírita

A Federação Espírita Boliviana realizou em Santa Cruz de la Sierra, de 3 a 10 de setembro, a 3ª Semana Espírita Boliviana, com o conferencista argentino Juan Antonio Durante.